

**VI Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos**

**Universidade Federal da Bahia**

**24-26 de março de 2010**

**Cadernos de resumos:**

**Comunicações**

**Pôsteres**

## Resumos

### Comunicações

#### **Línguas entrelaçadas: uma situação *sui generis* de línguas em contato**

Alzerinda Braga  
*Universidade Federal do Pará*  
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral  
*Universidade de Brasília/CNPq*  
asacc@unb.br  
Aryon Dall'Igna Rodrigues  
*Universidade de Brasília/CNPq*  
aryon@unb.br  
Betty Mindlin  
*Instituto de Estudos Avançados*

Neste estudo pomos em relevo características especiais de uma situação de contato pouco comum, envolvendo falantes de línguas de diferentes origens genéticas, na região do vale do Guaporé, estado de Rondônia -Wayurú, Makuráp, Tuparí (fam. Tuparí do tronco Tupí) e Jeromitxí e Arikapú (fam. Jabutí). Trataremos, por um lado, dos fatores sócio-históricos que sedimentaram o contato dos falantes dessas línguas e, por outro lado, do papel de cada uma delas no contexto sociolinguístico em que vivem seus falantes. Trataremos também da natureza e extensão da interferência de uma língua sobre a outra e do desenvolvimento de uma teia de relações entre falantes dessas línguas, em que uns contribuem para a manutenção da vitalidade da língua nativa de outros.

## Principense: aspectos do dicionário bilingue e proposta ortográfica para o crioulo de base portuguesa da Ilha do Príncipe

Ana Livia dos Santos Agostinho  
ana.agostinho@usp.br  
Vanessa Pinheiro de Araújo  
v.pinheiro@usp.br  
Universidade de São Paulo

Apresentaremos um dicionário principense/português, elaborado a partir da compilação de dados retirados da literatura e a partir de dados coletados em trabalho de campo original (obtidos em viagens à ilha de Príncipe, em julho/2008 e março-julho/2009). O dicionário contém transcrições ortográficas, fonéticas e exemplos de sentenças, também coletadas *in loco*, e tem como foco as áreas da lexicografia, fonética e morfofonologia. Abordaremos ainda a problemática do acesso ao material, da formação deste tipo de lista e a coleta de dados obtidos em viagem de trabalho de campo. Analisaremos também os prós e contras das ortografias de Günther (1973), Rougé (2004) e Maurer (2009) desenvolvidas para o principense, verificando as estratégias usadas para casos problemáticos como, por exemplo, acento, tom e vogais médias. O dicionário será publicado e as entradas serão assim apresentadas:

**buto** [ˈbu:tɔ] *n.* bruto. *Ref:* A:2009 **Ti buto mätu** ‘Você é muito bruto.’

**doba** [doˈba:] *v.* dobrar. *Ref:* A:2009 **Ti po doba upanu se da mi a.** ‘Você pode dobrar a roupa pra mim?’

Por fim, apresentaremos nossa própria proposta ortográfica que será utilizada tanto no dicionário como na gramática pedagógica que será elaborada a partir de 2010. Ao final do projeto, será possível disponibilizar instrumentos linguísticos tanto para a comunidade científica como para os habitantes da ilha do Príncipe, servindo, sobretudo, de auxílio aos falantes da língua, pois preenche, assim, uma lacuna em relação à inexistência de material bilingue principense/português. Além disso, uma ortografia unificada poderá auxiliar o aprendizado da língua nas escolas.

## **Contato de línguas e elaboração de uma nova culinária no contexto brasileiro: a influência africana**

Angela Maria Alves dos Santos  
angela\_mariagta@hotmail.com  
*Universidade Federal de Rondônia*

Para compreender as origens de nossos hábitos alimentares é preciso recordar o passado, os costumes indígenas, a colonização, os efeitos da escravidão e a evolução da sociedade com um todo. Essa cultura de resistência que apareceu se misturou com a cultura dominante, no entanto desempenhou durante a escravidão como desempenha até hoje um papel determinante nas identidades regionais ou/e étnicas. Através do léxico referente a ingredientes, comidas e receitas tentarei levantar essa “mistura” de línguas e de culturas que contribuíram com a formação da culinária brasileira.

Palavras-chave: línguas africanas, línguas indígenas, alimentação, léxico da culinária.

## **O percurso visual no português falado na Comunidade Negra da Caçandoca**

Antônio Carlos Santana de Souza  
acssuems@gmail.com  
*Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul*

Este trabalho apresenta uma breve descrição sobre o percurso e modo nos eventos de movimento na língua portuguesa falada na Comunidade Negra Caçandoca, no município de Ubatuba em São Paulo. Busco analisar esses processos evidenciados na estrutura verbal, conforme o modelo verb-framed e de acordo com a classificação tipológica de Talmy (1983, 1985, 1990, 2000). A partir do ponto de vista do estudo de *Fictive Motion in Language and "Ception"* de Talmy, apresento a extensão da representação cognitiva de fenômenos não verídicos, ou seja, por exemplo, expressões que descrevem movimento sem que exista ocorrência física de movimento. Procuro descrever a maneira como estes fenômenos são expressos linguisticamente e como são reconhecidos visualmente, dedicando especial atenção às formas de movimento.

## As construções de objeto duplo no português afro-brasileiro

Camila Ferreira de Mello  
milamello08@gmail.com  
Universidade Federal da Bahia

Esta análise tem como objeto a forma das estruturas construídas por verbos que selecionam dois argumentos internos na fala de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas no interior do Estado da Bahia, utilizando o enquadramento teórico e metodológico da Teoria da Variação. O português brasileiro (PB) tem como estrutura principal da dupla complementação a ordem verbo-objeto direto-objeto indireto regido pela preposição *a* ou *para* (V-SN<sub>OD</sub>-SP<sub>OI</sub>), como exemplificado em: *Eles dava o tratô pra gente*. Porém, assim como em alguns crioulos e no inglês, existem no português rural afro-brasileiro estruturas em que o objeto indireto fica imediatamente posposto ao verbo, sem a preposição (V-SN<sub>OI</sub>-SN<sub>OD</sub>), como exemplificados em: *Deu o Japonês vinte mil*. Ao analisar essa variação em comunidades formadas basicamente por afro-descendentes, esse estudo buscou evidências empíricas relevantes para a importância do contato entre línguas na formação da realidade linguística brasileira. O corpus é composto de 48 entrevistas informais feitas com moradores das comunidades isoladas de Helvécia, Cinzento, Rio de Contas e Sapé. Após exaustivo levantamento e codificação dos dados, foram coletadas 234 ocorrências, das quais 74% são estruturas padrão do duplo objeto (V-SN<sub>OD</sub>-SP<sub>OI</sub>), e 26% com a inversão de tipo crioulo (V-SN<sub>OI</sub>-SN<sub>OD</sub>). Foram selecionadas pelo pacote de programas VARBRUL como fatores condicionantes desta variável as seguintes variáveis: (i) tipo de verbo; (ii) Faixa-etária; (iii) Comunidade e (iv) Escolaridade.

## **Variedades do português em comparação: Fraseamento prosódico no Português do Brasil e no Português de Angola**

Carolina Ribeiro Serra  
carolserraufrj@gmail.com  
*Universidade Estadual de Feira de Santana*

O objetivo deste trabalho é descrever as características fonético-fonológicas de fronteiras prosódicas (Frota & Vigário 2000, Tenani 2002, Fernandes 2007, Serra 2009), na fala espontânea (FE), no PB e no PA, com vistas a verificar possíveis diferenças e semelhanças prosódicas entre o português falado por brasileiros e angolanos. O *corpus* de análise é constituído por 3 trechos de FE de cada variedade (aproximadamente 2 minutos cada). Os 3 informantes brasileiros (naturais do Rio de Janeiro) e os 3 informantes angolanos (naturais de Luanda), monolíngues do português, são do sexo feminino e possuem nível de escolaridade superior.

Resultados de análise empreendida recentemente para o PB (Serra 2009) indicam que, em FE, 1) as rupturas prosódicas são predominantemente percebidas em fronteira de sintagma entoacional (I) (91%), embora somente 37% das fronteiras de I previstas com base na teoria da Hierarquia Prosódica terem sido percebidas como ruptura; 2) a principal pista para a percepção de uma ruptura é a presença da pausa (92%); 3) o alongamento pré-fronteira e a variação de F0 na palavra nuclear podem ser estratégias, porém o que ressalta é a grande variação entre as falantes; 4) o contorno nuclear mais comum é o H+L\* L%, apesar de serem também produtivos os contornos L+H\* H% e L\*+H H% (34%); 5) Is percebidos são maiores, tanto em sílabas quanto em PWs, do que os não percebidos, portanto o tamanho afeta o fraseamento prosódico e a percepção de rupturas, e 6) as rupturas são predominantemente percebidas em limite de frase matriz (61%), demonstrando a robustez do mapeamento fronteira de frase matriz/fronteira de I.

Neste estudo, utilizando o mesmo aparato metodológico anterior (Serra 2009), damos um passo adiante na observação dos dados do PB, levando em conta a realização de fronteiras prosódicas independentemente da percepção, ou seja, em qualquer contexto nas frases prosódicas em que haja pistas de natureza fonético-fonológicas de realização de uma ruptura, e agregando dados do português de Angola à análise.

**Arte da Língua de Angola de Pedro Dias (1697)  
sob o prisma da dialetologia kimbundu**

Catherine Barbara Kempf  
itamoc@bol.com.br  
*Universidade Federal de Rondônia*  
Vatomene Kukanda  
vatkuk@yahoo.fr  
*Universidade Agostinho Neto*  
Jean-Pierre Angenot  
jpangenot@hotmail.com  
*Universidade Federal de Rondônia*

A *Arte da Língua de Angola* de Dias (1697) foi o objeto de diversas interpretações (cf. Batista), mas faltava a releitura de bantuístas para descobrir que língua era exatamente essa que Dias descreveu. Uma língua “étnica” que seria o kimbundu? Uma koiné desenvolvida em Salvador, como está dito na contra-capá, que teria por origem uma “mistura” entre línguas litorâneas das zonas H, K e R em contato com o português do século XVII? Os prefixos classificadores anotados por Dias, assim como suas observações gramaticais e o vocabulário fornecem pistas que podem ser decifradas. Não é uma tarefa simples, devido à ambiguidade do termo “kimbundu” que designa um grupo de línguas ou uma língua particular. O grupo kimbundu (H20) compreende as quatro línguas kimbundu, sama, bolo e songo, às quais alguns acrescentam o shinji (H35), o mbangala (H34), o kibala-ngoya e até mesmo o nyinungu. Quanto à língua kimbundu *stricto sensu*, congrega muitas variantes dialetais nem sempre inteligíveis entre si (Luanda mbundu, ngola, njinga, mbamba, mbaka, ndongo, mbondo, nkari, puna, son, pungu, musuko, swela, kidima, ntemo, bali, lengue, ngengu, quembo, sende, dembo, amboim), distribuídas nas províncias de Luanda, Bengo, Kwanza Norte, Kwanza Sul e Uige. Infelizmente, o kimbundu ainda carece de uma descrição científica rigorosa, com a exceção notável do esboço de Kukanda (1974) sobre o dialeto mbaka. Kempf extraiu todos os dados bantu mencionados em Dias e os organizou sob a forma de um questionário para que Kukanda e Angenot o aplicassem numa ampla pesquisa dialetal de campo. Os resultados serão apresentados e debatidos.

Batista, Ronaldo "A 'língua de preto' e os métodos de descrição na *Arte da Língua de Angola*, de 1697", GEL XXXI.

Dias, Pedro (1697/2006). *Arte da Língua de Angola*. Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional.

Kukanda, Vatomene (1974). *Esquisse Grammaticale du Kimbundu*. Lubumbashi: Université Nationale du Zaïre.

## **Me kam pa aprehte kam: alternância de código em parkatêjê**

Cynthia Neves  
cynthianeves@gmail.com  
Marília Ferreira  
mariliaferreira1@gmail.com  
*Universidade Federal do Pará*

O fenômeno linguístico característico do processo de contato entre língua, code-switching, envolve o uso de dois ou mais sistemas linguísticos por um falante no mesmo momento de fala ou em diferentes pontos de uma mesma conversação. Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas manifestações desse fenômeno na fala de indivíduos bilíngues da comunidade indígena parkatêjê - língua do tronco Macro-jê, falada por aproximadamente 9% da população de cerca de 400 pessoas que moram em duas aldeias localizadas no sudeste do Pará. Os dados que embasam este estudo são gravações de histórias tradicionais do povo, coletadas desde 2000, nas quais é possível encontrar diversos casos de code-switching intra e inter-sentencial. A alternância de código nessa comunidade pode ser interpretada como estratégia para lembrar e usar o parkatêjê e o português.

## **Português falado por universitários moçambicanos: estudo semântico-lexical**

Claudia Bergamini  
claudia.bergamini@usp.br  
*Universidade de São Paulo*

Moçambique é um país em franco desenvolvimento econômico, social e cultural, motivado pelo contexto nacionalista pós-independência. Neste cenário, a língua portuguesa é também uma variedade em formação e engloba em si particularidades que convergem para a caracterização da identidade moçambicana. Este trabalho tem por objetivo verificar, a partir de uma descrição léxica, a influência das línguas Xironga e Xichangana, de Maputo, na formação do português moçambicano dessa região. Como *corpus* de análise foram consideradas trinta entrevistas de estudantes universitários, coletadas na cidade de Maputo, realizadas a partir de um questionário semântico-lexical elaborado com bases metodológicas da Dialectologia e da Sociolinguística, em observância ao contexto sócio-cultural da cidade.

## **A concordância verbal no português falado em Salvador: uma realidade linguística bipolarizada.**

Constância Maria Borges de Souza  
constancia@ifba.edu.br  
*Universidade do Estado da Bahia*

Esta comunicação tem como objetivo analisar a relação entre a variação da concordância verbal e o processo de formação do português brasileiro. A concordância, tanto a verbal quanto a nominal, é um fenômeno variável, exigido socialmente e quem não segue a tradição é avaliado negativamente, devido à forte pressão escolar e da sociedade dominante. Utilizando resultados da tese defendida por Souza (2009), este trabalho busca explicações para a variação na concordância verbal no português falado em Salvador, analisando fatores linguísticos (internos à língua) e fatores sociais (externos à língua). Observando-se a interação desses fatores, verifica-se de que modo eles condicionam a presença ou ausência de marcas flexionais no verbo. Esta pesquisa toma como embasamento teórico a teoria da variação, segundo Labov (1972, 1982, 1994), e o conceito de transmissão linguística irregular, postulado por Lucchesi (2000, 2001), além de outros trabalhos de abordagem sociolinguística. Com a pesquisa do fenômeno da variação da concordância verbal na fala popular de Salvador, constata-se que o português brasileiro foi formado no cenário de uma realidade linguística bipolarizada, tendo, de um lado, a norma culta e, de outro, a norma popular ou vernácula (LUCCHESI, 2001, 2002). Neste estudo, analisou-se uma amostra constituída de inquéritos extraídos do Programa de Estudos do Português Popular Falado em Salvador (PEPP/SSA) e do Projeto Norma Urbana Culta de Salvador (NURC/SSA).

## **O Bajubá: uma língua mista? Exemplificações rondonienses**

Cynara Albina Rabelo dos Reis  
cynararabelo@ibest.com.br  
*Universidade Federal de Rondônia*

Considerando o conceito de língua mista como sendo o resultado do contato de línguas, entendemos que o surgimento de uma nova língua, a partir de duas ou mais outras, é devido a vários fatores. O nosso trabalho refere-se ao estudo de uma gíria urbana utilizada pelo segmento homossexual no contexto rondoniense, linguagem esta popularmente conhecida como “bajubá”. Partindo do pressuposto de que a linguagem é a capacidade de comunicação, observamos a necessidade do emprego dessa língua como código de comunicação, na tentativa de ser preservada a identidade sexual dos falantes, e assim serem resguardados de situações de conflito social. Efetuamos um levantamento prévio das palavras que constróem esse léxico, e esse levantamento mostrou que as línguas-fontes são múltiplas, fato que pretendemos ilustrar no presente trabalho.

## A contribuição da zona tipológica Bantu L à herança lexical afro-brasileira

Daniel Mutombo Huta-Mukana  
danielmutomboh@yahoo.fr  
Marco Antônio D. Teixeira  
marcoteixeira204@gmail.com  
João Batista  
joabatistalussg@hotmail.com  
*Universidade Federal de Rondônia*

Propõe-se avaliar a contribuição da zona tipológica bantu L à herança lexical bantu no Brasil. A maior parte dos dados reunidos foi coletada durante 38 anos de pesquisa de campo pelo primeiro co-autor e seus assistentes e alunos congolese. Esse material foi confrontado ao acervo de cerca de 5.000 bantuísmos presumidos levantados por Angenot & Angenot (2008). Todas as línguas que foram classificadas na zona L (Maho, 2008) foram contempladas neste estudo comparativo, ou sejam, 21 línguas distribuídas nos grupos L20 (budya, yazi, kete, mbgani, lwalwa, songe, binji e luna-inkongo), L30 (kebwe, luba-Kasai, lulua, kanyoka, luba-Katanga, hembra e sanga), L40 (kaonde) e L60 (kolwe, lushangi, shasha, mbwera e nkoya). Foram também consideradas algumas línguas não repertoriadas como o zela e o kampwete. Os cognatos bantu dos bantuísmos brasileiros serão agrupados de acordo com seus graus de cognacidade baseados em critérios de proximidade fonológica, morfológica e/ou semântica.

- Angenot, Jean-Pierre & Geralda de Lima V. Angenot (2008). *Dicionário de Bantuísmos Brasileiros Presumidos*. Porto Velho, Rondônia: Université Fédérale de Rondônia. 305 p.
- Maho, Jouni (2008). *NUGL Online: The online Version of the New Updated Guthrie List, a referential Classification of the Bantu Languages*. Göteborg University. 131 p.
- Mutombo H-M, Daniel (2007). *Les Survivances du Kikoongo em Amérique Hispanophone: Cas du Palero à Cuba. Une Analyse contrastive*. Madrid: Universidad de Alcalá.
- Mutombo H-M, Daniel (1977). *Variations Linguistiques em Luba-Kasayi (L31a)*. Lubumbashi: Université Nationale du Zaïre. 374 p
- Mutombo, Huta-Mukana, Daniel, Jean-Pierre Angenot & Gustavo Gurgel do Amaral (2009). "Vers la Reconstruction du Proto-L", In J.-P. Angenot, L. Beltrán & M. A. Teixeira, Orgs. (2009). *Os Ibéroamericanismos de Origem Bantu e as Línguas Bantu*. São Carlos: Pedro & João Editores. 260

## Sincretismo, subespecificação de traços e a sintaxe de gênero no português afro-brasileiro

Daniel da Silva Carvalho  
doisolhos@hotmail.com  
Universidade Federal da Bahia

Este trabalho discute a variação da concordância de gênero observada, dentre outras comunidades linguísticas, em algumas variedades do português rural brasileiro, ilustrada em **negrito** nos exemplos em (1), em que há uma aparente “redução” morfológica da categoria gênero dentro do DP.

- (1) a) *Ele era **um** pessoa muito querido*  
b) [...] *num tem **cobra nenhum** que num é braba*  
c) *foi vendendo **tudo** essas madeira*  
d) *cada um tem **um** natureza.*

Os dados observados, extraídos de Lucchesi (2009), mostram que essa variação se caracteriza pelo sincretismo da forma morfológica de masculino em elementos nominais (determinante, quantificador, adjetivo) que acompanham o núcleo de NPs, os quais mantêm marca morfológica de feminino, causando incompatibilidade de traços de concordância (cf. CHOMSKY, 1998). Baseado na análise de Carvalho (2008), na qual é proposta uma estrutura constitutiva dos pronomes no português brasileiro (PB) com base na subespecificação de um conjunto de traços-phi enriquecido, é proposto que, nos dados em (1), os elementos que não apresentam marca morfológica em concordância com o núcleo nominal são subespecificados para o traço [FEMININE], o que gera sincretismo de gênero nesta variedade.

## **Os contatos linguísticos em Timor Leste: mudanças e reestruturação gramatical**

Davi Borges de Albuquerque  
albuquerque00@hotmail.com  
*Universidade de Brasília*

A presente comunicação intenta analisar os contatos linguísticos que ocorreram em Timor Leste, assim como as mudanças - e possível reestruturação gramatical em alguns casos - que as línguas nativas sofreram com esses diferentes contatos. Ainda, as línguas austronésicas e papuásicas leste-timorenses sofreram modificações em graus distintos devido ao contato: mudanças pesadas e possível reestruturação gramatical, como o Tétum, Mambae e Tokodede, ou mudanças leves, como o Baikenu, Makasae e Bunak.

## **Gramaticalização em sincronia no português popular brasileiro. Análise de dados de uma comunidade negra do Vale do Ribeira, estado de São Paulo**

Dayane Cristina Pal  
dayabrik@uol.com.br  
Universidade de São Paulo

No português popular brasileiro, é comum o uso do verbo *pegar* em construções como “Daí ele *pegou* tirou a minha irmã da escola”, nas quais esse verbo não exerce a função de verbo pleno, nem de verbo auxiliar. Esse uso, no entanto, não impede que o verbo seja também empregado em outras construções sintáticas, nas diversas acepções que esse lexema possui, indicando possivelmente que o verbo *pegar* está em processo sincrônico de gramaticalização. A partir de exemplos retirados de um *corpus* de narrativas coletadas em uma comunidade negra (Pedro Cubas) localizada no Vale do Ribeira, estado de São Paulo, apresentarei uma análise da relação entre os traços semânticos do verbo *pegar* e os eventos representados na construção. Para a análise, recorri à teoria da gramaticalização (cf. Heine, Ulrike & Hünemeyer, 1991), que estrutura as experiências humanas em categorias cognitivas que englobam entidades prototípicas representativas de domínios conceituais. Classifiquei, ainda, os eventos representados na construção sintática em cinco grupos (semelfactivos, achievements, accomplishments, atividades e estado), considerando para isso a constituição temporal interna dos verbos, de acordo com o que estabelece Smith (1997). Foram identificados três traços semânticos (+/- controle; +/-volição e +/-resultativo) em *pegar*, que ficam ora em evidência, ora neutralizados na construção, sempre em concordância com o tipo de evento. Constatou-se, ainda, que o verbo *pegar* não participa diretamente da descrição da cena, mas acrescenta a ela um conteúdo informacional novo. Sintaticamente, apresenta concordância de marcas gramaticais com os verbos da construção.

### Referências bibliográficas

- HEINE, B.; ULRIKE, C.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization*. A conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- SMITH, Carlota. *The parameter of aspect*. 2.ed. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1997.

## O crioulo na política linguística de Cabo Verde

Diego Barbosa da Silva

vsjd@uol.com.br

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

O crioulo cabo-verdiano se formou no contato de portugueses e africanos da costa ocidental na ocupação das até então desabitadas ilhas de Cabo Verde, a partir do século XV. Resultado desse encontro/confronto, além de formas linguísticas do português e das línguas africanas, o crioulo carrega consigo a memória sócio-histórica discursiva desses povos. No entanto, Cabo Verde é um dos únicos países africanos ao lado de São Tomé e Príncipe, que apesar da pequena diversidade linguística – 98% da população fala o crioulo cabo-verdiano como língua materna (ETHNOLOGUE, 2009) – não oficializou a língua autóctone, mesmo que em conjunto com a europeia (SILVA, 2008). Com certeza, não podemos ignorar também que os crioulos nesses países apresentam diversas variações linguísticas, sobretudo diatópicas. Este trabalho visa compreender o motivo dessa política e seus efeitos para os cabo-verdianos, levando em consideração o contexto histórico e de formação do crioulo, fruto da colonização portuguesa no arquipélago.

## **Línguas em contato: observações sobre um dialeto desconhecido**

Edigar dos Santos Carvalho  
prof\_edgarcarvalho@hotmail.com  
Universidade Federal de Pernambuco

O presente trabalho objetiva apresentar aspectos lexicais de um dialeto falado por remanescentes de escravos na cidade de Pesqueira – PE. Em virtude da recente descoberta, ainda, não se pode precisar de qual língua africana o dialeto originou-se, isto porque, os próprios falantes não sabem o nome do dialeto que falam. Semelhante a muitas outras línguas e minoritários, o dialeto está morrendo em função da inexistência de pesquisas que visassem à documentação do léxico e a descrição de sua fonologia, outros fatores agravantes da situação é a idade dos falantes, que por serem idosos e não terem com quem dialogar para transmitir o seu patrimônio linguístico, aos poucos, o dialeto está morrendo. A cidade de Pesqueira destaca-se no processo colonizatório, pois foi sede das investidas da Coroa portuguesa durante o Regime Colonial, dessa forma, o cenário histórico local é marcado pela exploração de trabalho indígena e escravocrata. O estudo é pertinente, pois a compreensão dos aspectos Lexicais desse dialeto contribui para a manutenção do patrimônio linguísticos dos povos que habitaram o território pesqueirense, além de favorecer a documentação histórica dos remanescentes de escravos que residem na região, facilitando, assim, identificar suas origens. O estudo foi realizado com os últimos três falantes do dialeto. O trabalho objetiva apresentar um breve estudo sobre o Léxico desse dialeto e suas correspondências na língua portuguesa. Para a consecução da pesquisa foram realizadas entrevistas com os informantes, nas quais eles eram estimulados a dizerem o nome das coisas em seu dialeto, além das conversas informais nas quais eles utilizavam o dialeto e depois traduziam para a língua portuguesa. O trabalho foi norteado pela pesquisas de Biderman (2001), Couto (2009), Tarallo & Alkim (1987).

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.  
COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, Ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.  
TARALLO, F. & ALKMIN, T. *Falares Crioulos: línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987.

## **A expressão do objeto indireto no português rural de habitantes da comunidade quilombola Jurussaca – Região Nordeste do Pará**

Ednalvo Apóstolo Campos  
ednalvoc@yahoo.com  
*Universidade do Estado do Pará*  
*Universidade de São Paulo*

O presente trabalho se insere dentro do Projeto “Levantamento Etnolinguístico de Comunidades Afrobrasileiras no Pará” aprovado em parceria MEC-USP/2009 e se junta ao Projeto-Piloto Inventário Nacional da Diversidade Linguística – INDL, do MEC. Faço uma breve análise da expressão do objeto indireto na fala dos habitantes da comunidade quilombola Jurussaca, situada na região Nordeste do estado do Pará. A expressão do objeto indireto ocorre de modo distinto nas variantes de português europeu e brasileiro. No PB a expressão do objeto indireto também não ocorre de modo unânime, mas sob um leque de variações. Essas variações podem ocorrer tanto em relação ao uso da preposição que encabeça o OI (cf. Berlinck & Torres Morais, 2000, 2007; Iseke Bispo, 2004, etc.); quanto em relação ao uso do clítico *lhe* ou do pronome tônico, acompanhado de preposição (*a/para ele*, *a/para ela*). Ao analisar dados do Rio de Janeiro, Gomes (2008) propõe uma tipologia dativa:  $_{VP}[V SN_1 PP]$ ;  $_{VP}[V PP SN_1]$ ;  $_{VP}[V SN_1 SN_2]$ ;  $_{VP}[V SN_2 SN_1]$ , cujos exemplos são: (a. *Maria deu o livro a/para Pedro*; b. *Maria deu o livro Ø Pedro*; c. *Maria deu a/para Pedro o livro*; d. *Maria deu Ø Pedro o livro*). No entanto, essa tipologia, ao menos no que se refere à ausência da preposição, não é atestada em dados do português oral culto de Belém. Um dos objetivos é observar se a tipologia proposta por Gomes (2008) também ocorre na íntegra nos dados coletados na comunidade de Jurussaca, podendo estendê-la ao Norte do país.

## As categorias *foco* e *tópico* no português angolano

Eduardo Ferreira dos Santos  
eduardo.santos@usp.br  
Universidade de São Paulo/FAPESP

Abordaremos neste trabalho aspectos da interface entre a sintaxe e o discurso. Especificamente, investigaremos as categorias sintático-discursivas *tópico* e *foco*, enfocando os sintagmas na periferia esquerda da sentença, apontando para uma comparação inicial do *foco/tópico* em português angolano (PA) com o português brasileiro (PB). Pesquisas mostram que a marcação do *foco* e do *tópico* no PB, a partir do século XIX, tem se realizado de forma diferente dessas marcações no português europeu (PE). A partir de uma tipologia de *foco/tópico* e com os dados do PA abaixo, interessa-nos a discussão sobre os tipos de *construções de tópico*, como:

### Topicalização

(1) *Para mim* o fim do ano lectivo está a ir com bastante dificuldade

### Tópico com Pronome Lembrete - *sujeito deslocado*:

(2) *Os professores* eles declaram ou estão para declarar uma nova greve

E as construções sentenciais marcadas (clivadas e perguntas QU fronteadas, por exemplo) como estruturas sintáticas em que se observam a organização do *foco*:

### Clivadas

(3) *Éramos nós que* saímos de Angola

### QU fronteadas

(4) ONDE QUE vai seguir a faculdade?

(5) QUAL É o prato que mais gosta?

(6) O QUE É QUE pretende fazer no fim desse curso?

Ressalta-se, também, que abordaremos, em PA (7), a clivada sem concordância de tempo ou de número e pessoa, também atestada no PB popular atual:

(7) Depois é que veio as confusões.

Logo, estudos comparativos dessas categorias entre o PB e o PA pode auxiliar em pesquisas que visam a apontar características de línguas africanas nesta e em outras áreas da gramática do PB, especificamente, no tocante a aspectos da periferia esquerda da sentença.

## A indeterminação do sujeito no Português Angolano

Eliana Pitombo Teixeira

liapitombo@gmail.com

Norma Lucia Fernandes de Almeida

norma.uefs@gmail.com

*Universidade Estadual de Feira de Santana*

Os estudos históricos sobre o português brasileiro têm sido tradicionalmente pautados na comparação deste com o português europeu. Apenas muito recentemente, os linguistas brasileiros têm-se ocupado em estudar as variedades do português das outras ex-colônias portuguesas. É isso que fazemos nesse trabalho. Sabe-se que no português europeu a indeterminação do sujeito é expressa preferencialmente pelo clítico “se”. No Brasil, diversas são as formas de indeterminar o sujeito: ausência de qualquer marca fonética (GALVES, 2001), diversas formas pronominais, – sendo você a forma preferida – como também o “se”, a estratégia menos usada na língua falada. Duarte (2007) atribui essas diferenças à perda do sujeito nulo e dos clíticos no PB. Em estudo realizado por Teixeira (2008), constatou-se o uso do pronome você no tratamento íntimo ou universal por falantes angolanos de faixas etárias distintas e níveis de escolaridade diversos. No entanto, observou-se uma frequência maior desse uso por falantes nativos de línguas nacionais como também entre os menos escolarizados, portanto usuários da norma popular. Em Angola, na norma culta, a mesma do português europeu, esse pronome – como afirmou um jovem letrado – é usado no tratamento de pessoas em que “não se tem ou a quem não se quer dar confiança”, mesmo assim, o uso de tal pronome é frequente na norma coloquial de muitos universitários falantes nativos do português. Portanto, pressupõe-se que o pronome você seja usado também como uma das formas de indeterminação do sujeito. No presente estudo, com base na Teoria da Variação e Mudança (Labov, 1972), pretende-se verificar as estratégias de indeterminação do sujeito usadas pelos angolanos, e comprovar a tese de que essa variedade de português caminha em direção a uma crescente aproximação ao português brasileiro, desviando-se, assim, da variedade para lá transplantada pelos portugueses. Argumenta-se, desse modo, a favor da hipótese de transmissão linguística irregular.

Palavras-chave: português brasileiro, português angolano, línguas em contato, indeterminação do sujeito.

## **Contatos de línguas e tabus linguísticos**

Eliana Silva Pereira  
eli\_spba@hotmail.com  
*Universidade Federal de Rondônia*

Os contatos de língua – podendo levar à mescla ou não - são conhecidamente as maiores fontes de empréstimo de lexias e de calques. A sexualidade, por seu lado, pode ser considerada como uma atividade física e natural, mas de fato adquiriu nas culturas humanas uma função simbólica de extrema relevância, o que explica os tabus que afetam o vocabulário referente a ela. Isso levou a considerar a importância numérica de lexias relativa à sexualidade e ao afeto nos vocábulos de suposta origem africana no léxico do português brasileiro, com suas variedades regionais: os termos referentes à sexualidade não foram repassados pela língua dominante, por conta dos tabus característicos da cultura luso-católica. Isso favoreceu a preservação das lexias e calques vindo das línguas africanas. O presente trabalho se baseia num levantamento de lexias e expressões específicas ao Guaporé, em especial Vila Bela, de um lado, e do Recôncavo baiano de outro. Esta comparação se justifica pelo deslocamento de muitos escravos trazidos da Bahia no século XVIII, para o Vale do Guaporé, e o contato de línguas que influenciou notoriamente a maneira de falar destes grupos. A coleta de dados foi realizada entre os moradores de ambas as comunidades.

Palavras-chave: Contato de línguas, tabu linguístico e sexualidade

## O contato entre línguas, o português popular brasileiro e a redução da morfologia flexional de caso dos pronomes pessoais

Elisângela dos Passos Mendes  
lilapmendes@ig.com.br  
*Universidade Federal da Bahia*

A realidade linguística brasileira, em virtude de razões sócio-históricas, apresenta-se como plural e polarizada. Um dos fenômenos linguísticos que a caracteriza, em todas as suas vertentes, é a variação na **flexão de caso dos pronomes pessoais**, que comporta duas possibilidades de realização: (i) o uso do pronome flexionado; (ii) o uso do pronome não flexionado. Nas variedades cultas, apenas o paradigma flexional referente às formas de caráter nominal – “você”, “a gente” e “ele” – foi afetado. Nas variedades populares, contudo, além dessas formas, nem as ditas mais pronominais – “eu” e “nós” – permaneceram imunes ao processo de enfraquecimento da flexão casual, sendo possível atestar o uso de estruturas como “ele gosta muito de eu”, “levô eu na missa”, “cê ta ajudano nós”, “pensa ni nós”. Suspeitamos que a drástica alteração na morfologia flexional de caso dos pronomes pessoais nas variedades populares é decorrente do processo de **transmissão linguística irregular- TLI** - (LUCCHESI, 2000) que caracterizou as regiões rurais do país quando colônia, a partir do contato do português com as línguas indígenas e, sobretudo as africanas. Essa hipótese encontra respaldo nas línguas crioulas de base lexical portuguesa da África, resultantes de um processo de TLI mais intenso, em que houve perda total da morfologia flexional de caso dos pronomes, tornando-se categórico o uso da mesma forma pronominal, seja de primeira, segunda ou terceira pessoa, nas funções de sujeito e complemento verbais e adverbiais. Desse modo, a nossa análise, desenvolvida no âmbito do Projeto *Vertentes*, visa como objetivo principal analisar a redução da morfologia flexional dos pronomes pessoais em dados recolhidos em comunidades rurais afro-brasileiras, situadas no interior do Estado da Bahia, que, por serem marcadas etnicamente pela presença maciça de descendentes de escravos africanos e terem se mantido isoladas geograficamente, guardam os vestígios mais intensos do processo de TLI desencadeado pelo contato do português com as línguas africanas (LUCCHESI, 2000).

## **Nkongolo: o Mito do Herói Civilizador Luba nos Candomblés de Nação Angola no Brasil**

Elizabeth Umbelino de Barros  
liz\_barros2002@yahoo.com.br  
*Universidade de São Paulo*

Este estudo busca analisar a figura de Angorô desde as suas origens de herói civilizador do Império Luba, *Nkongolo*, passando pelas interpretações que lhe foram atribuídas através das narrativas recolhidas pelos pesquisadores, até as (re)interpretações nos Candomblés de Nação Angola no Brasil, abordando as transformações pelas quais passou o nome da divindade e sua simbologia.

Os Candomblés de Nação Angola cultuam as divindades originárias de regiões da África Austral. Essas divindades são denominadas *inquices* e as línguas rituais possuem termos do kimbundo, do kikongo e do umbundo.

Através das gestas e das narrativas sobre esse herói civilizador da região de antigos impérios dos povos de línguas do grupo banto: *luba, lunda, hembra, tshokwe, pende, ndongo, yombe, yaka, kuba, bemba*, dentre outros, foi possível estabelecer um estudo comparativo entre o mito de *Nkongolo* e o culto à divindade Angorô nos ritos dos Candomblés de Nação Angola no Brasil.

A transmissão oral, característica dos povos africanos, prevalece até hoje, provocando a mudança e a perda de formas e significados. Os termos foram sendo substituídos por outros; foram transformados, alterados e reinventados. Apesar disso, foi possível reconstruir algumas formas e significados a partir dos textos orais registrados em comunidades de candomblés de nação angola.

Assim, a análise permitirá constatar o que permaneceu, o que se transformou, o que se (re)significou dentro dessas comunidades.

## **Contato de língua: o romanês e o português falado pelos ciganos kalderash do município de Aparecida de Goiânia- Goiás**

Elza Kioko Nakayama Nenoki Murata  
elzakm@terra.com.br  
Universidade Federal de Goiás  
Universidade de Brasília

Em relação à maioria dos ciganos no Brasil, temos os pertencentes aos grupos: Kalderash, Matwaia, Rudari, Horahané, Lovara e Calon. Dentre esses grupos realizo uma pesquisa de campo desde agosto de 2009 com os Kalderash, seminômades que residem no município de Aparecida de Goiânia-Goiás, na qual estou compartilhando suas experiências, reações, sentimentos, conversando, escutando-os, conversarem entre si ou com outros da comunidade. Trata-se de um grupo composto de mais ou menos 250 ciganos que tem como primeira língua o romanês. O objetivo desta comunicação é mostrar que embora a pesquisa esteja no início, os dados por mim coletados já apontam para o fato de esse grupo não só usar o romanês em diversas situações como conversas entre os familiares, entre os próprios ciganos, cultos (são evangélicos), mas que também mantém muito mais da língua original. Como exemplo, temos: Na fonologia a consoante // é velarizada e não vocalizada no final das palavras: *barval* (vento); *putrel* (abrir). Na morfologia, há o uso do “Le”(os-as) para sinalizar o plural quando não há mudança na terminação do vocábulo, como por exemplo *dan* (dente) / *le dan* (dentes), *diclô* (lenço) / *diclé* (lenços); quanto às desinências de gênero temos no geral o masculino singular formado pelo morfema [o] e poucas vezes com outros morfemas, mas o feminino se forma sempre pelo morfema – i, exemplos: *barvalô* (rico)/*barvalí* (rica); *kamadô*(namorado)/*kamadi*(namorada), *guru*(boi)/*gurumí*(vaca). Assim, pode-se concluir que se levarmos em conta os aspectos morfológicos, fonológicos e o uso exclusivo do romanês entre a família e o grupo, o contato da língua com o português ainda não conseguiu levar à morte da língua.

Palavras-chave: contato de língua, linguodiversidade, ciganos kalderash

## **O bilinguismo e a problemática da diglossia no processo de letramento: o caso de Cabo Verde e suas diásporas**

Francisco João Lopes  
lopesf77@yahoo.com  
*Universidade de São Paulo*

Como resultado da hegemonia de alguns povos sobre outros, sendo o colonialismo europeu o caso universal mais recente, alguns males sociais se perpetuaram até mesmo depois da emancipação dos povos outrora dominados. Entre os males perpetuados encontra-se uma situação sociolinguística conhecida como diglossia. Esta situação acontece em comunidades bilíngues ou multilíngues em que predominam certas condições sócio-culturais. Houve a necessidade de criar um novo termo para descrever tal condição sociolinguística por ser diferente do verdadeiro bilinguismo. Em situações de diglossia, as línguas não gozam do mesmo status social como acontece no caso do bilinguismo clássico. A diglossia é entendida como um mal a ser combatido e erradicado, pois, as condições em que as crianças nela inseridas, são alfabetizadas, revelam-se verdadeiros atos de violação dos direitos humanos e da criança. Neste contexto de alfabetização e letramento, a língua materna, reconhecida como um dos grandes aliados do sucesso desta etapa do desenvolvimento da criança, é completamente excluída do ambiente escolar demonstrando tamanho desprezo pela língua materna e para com a cultura das crianças nele envolvidas. Para tanto este trabalho teve por objetivo fazer uma análise da problemática relacionada com a situação de diglossia em detrimento de um bilinguismo saudável no processo de letramento e alfabetização das crianças inseridas neste contexto sociolinguístico, tendo a comunidade cabo-verdiana e suas diásporas como um caso de estudo. A fim de atender o objetivo da pesquisa utilizou-se a metodologia de pesquisa bibliográfica, estudo de caso e pesquisa de campo.

Palavras-chave: alfabetização, língua materna, diglossia, bilinguismo.

## **Línguas indígenas em contato no Noroeste Amazônico: considerações sobre o Tukano como língua interétnica**

Frantomé Pacheco  
frantome@ufam.edu.br  
*Universidade Federal do Amazonas*

O Noroeste Amazônico é uma área etnográfica caracterizada pela ocorrência de um acentuado grau de multilinguismo, determinado pela exogamia linguística, ou seja, uma pessoa não pode se casar com um membro da própria etnia, pois seria um casamento entre irmãos. Dessa forma, casamentos envolvendo membros das etnias Tariana e Desano, Wanano e Piratapuya, Tucano e Bará não são permitidos, pois os membros desses grupos são considerados “irmãos”. Diante disso, um Tukano pode se casar com um Tariana, Desano, Wanano, Piratapuya, menos com um Bará (Aikhenvald, 2002: 22). E como reflexo dessa regra social, encontram-se falantes que dominam duas ou mais línguas indígenas, além do português e do espanhol. Após séculos de contato interétnico nessa área, muitas comunidades de fala substituíram suas línguas tradicionais pelo Tukano que expandiu seus domínios, tornando-se uma língua franca (Ramirez, 1997: 9). O objetivo desta comunicação é tecer algumas considerações sobre o uso do Tukano (ou Ye’pâ-Masa) como língua de comunicação não apenas entre os Tukano, mas entre estes e povos que empregavam outras línguas para se identificar etnicamente, formulando questões sobre os processos sócio-históricos que conduziram à substituição das línguas desses povos pelo Ye’pâ-Masa. Note-se, entretanto, que o Tukano apresenta dialetos que assimilaram traços linguísticos das línguas com as quais manteve contato, como o da região de lauaretê resultado do contato com o Tariana (Ramirez, 1997: 19). A partir de pesquisas que descrevem o multilinguismo nessa região, como as de Sorensen (1969), Aikhenvald (2002), Jackson (1983), Brüzzi (1977), Stenzel (2005), Barnes (1999) e Ramirez (1997), será apresentada uma proposta de reanálise do fenômeno baseada em trabalhos que discutem o multilinguismo e o contato interétnico (cf. Romaine, 2003), procurando explicitar quais fatores socioculturais podem ter promovido a expansão dessa língua indígena, dando-se ênfase às situações que envolvem os povos Tariana (Aruák) e Desano (Tukano).

## Fonte da nasalidade no são-tomense e no principense

Gabriel Antunes de Araujo (FAPESP)  
 g.antunes@usp.br  
 Ana Livia dos Santos Agostinho  
 ana.agostinho@yahoo.com  
 Universidade de São Paulo

Nesta apresentação, abordaremos a questão da fonte da nasalidade no são-tomense (CST) e principense (CP). Os dados em (1) mostram que ambos os crioulos possuem vogais nasais ou nasalizadas. Ambas as línguas são de base lexical portuguesa. Por isso, a nasalidade nas palavras de origem portuguesa pode ser associada à nasalidade na posição original da palavra portuguesa. Contudo, o tema da nasalidade em português é, *per se*, controverso (colocar referências), porém, basicamente são defendidas duas hipóteses: (i) monofonêmica: há vogais intrinsecamente nasais, e (ii) bifonêmica: as vogais são nasalizadas por uma consoante nasal na coda silábica.

### (1) Palavras de origem portuguesa

CST			
[ko'dõ]	'cordão'	cf. [kõ'dõ]	'corda'
[kã'dʒa]	'candeeiro/luz'	cf. [ka'dʒa]	'cadeia'
CP			
[lẽ'taa]	'entrar'		
[sõ'baa]	'assustar(-se)'		

No entanto, a questão se torna um pouco mais complexa quando consideramos as palavras de origem não portuguesa (2), nas quais não se pode atribuir a fonte da nasalidade a uma eventual consoante nasal na coda.

### (2) Palavras de origem **não** portuguesa

CST			
[ngẽ'bu]	'morcego'		
[klõ'kõ]	'pescoço'	cf. [klõ'kõ]	'raspar'
CP			
[mã'daaki]	'colchão'		
[kã'bew]	'latrina'		

O objetivo desta comunicação é apresentar uma investigação sobre a fonte da nasalidade no CST e no CP, baseados em dados sobre a duração dos segmentos nasais/nasalizados obtidos em um experimento. Os dados foram analisados no programa PRAAT. Para cada uma das línguas foram gravadas 40 palavras (20 com segmentos nasais e 20 com segmentos orais), com quatro informantes. As sílabas CV com vogais nasais/nasalizadas estavam nas posições tônicas, pré-tônicas e pós-tônicas e foram confrontadas com pares mínimos orais. Para homogeneizar o ambiente fonético, as palavras foram inseridas nas frases-veículo ***E fla xxx dosu ve*** (CST) e ***Eli fala xxx di nóvu*** (CP). Os resultados revelam que a duração das vogais nasais/nasalizadas é compatível com a duração das vogais portuguesa com consoante nasal na coda, corroborando com a hipótese bifonêmica.

## Dicionário são-tomense/português

Gabriela Braga (CNPq)

[gabriela.silva@usp.br](mailto:gabriela.silva@usp.br)

Gabriel Antunes de Araujo (FAPESP)

[g.antunes@usp.br](mailto:g.antunes@usp.br)

*Universidade de São Paulo*

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um dicionário são-tomense/português, cuja língua-veículo seja o português e discutir a metodologia empregada na sua elaboração. Há, basicamente, três dicionários bilíngues são-tomense: Rougé (2004), cuja língua-veículo é o francês, contém cerca de 800 entradas do são-tomense; Fontes (2006), um trabalho acadêmico inédito, com aproximadamente de 1800 entradas; e o trabalho de Major (s/d), um dicionário com cerca de três mil entradas. Este último dicionário se diferencia dos demais documentos lexicográficos por não se restringir a um vocabulário ou lista de palavras isoladas e por conter exemplos com transcrição fonética e em vernáculo, designação gramatical e equivalência em português. O dicionário ora proposto (com cerca de quatro mil entradas) foi elaborado a partir de dados coletados em trabalho de campo em São Tomé e Príncipe, e a partir de recolha na literatura (Negreiros 1895, Valkhoff 1966, Günther 1973, Ferraz 1979, Espírito Santo 1998, Rougé 2004, Fontes 2006 etc.). Desta forma, este dicionário documenta registros anteriores de uma mesma palavra, privilegiando o mais antigo e mostrando as mudanças na língua nos últimos 115 anos. Cada verbete no dicionário contém a forma ortográfica, uma transcrição fonética, a classe de palavras, a aceção em português, um exemplo de uso com sentença em são-tomense e em português, as referências na literatura (quando houver) e as formas alternativas (em geral, empregadas por outros autores.).

**bega** ['bɛga] *n.* barriga. **Kasô mwala mun sa ku bega.** 'Minha cadela está prenhe.' Cf. JLR 2004: 415.

**fla** ['fla] *v.* falar, dizer. **Bo fla ki pasá!** 'Você fala demais!' NEGREIROS 1895: 359.

**nũa** ['nũa] *prep.* em uma, em um, numa, num. **Zozé te xinku mwala nũa ke.** 'José tem cinco mulheres em uma casa'. Cf. CES 1998: 324. VER **ũa**.

**numigu** [nu'migu] *n.* inimigo. **N te numigu fa.** 'Não tenho inimigos.' Cf. NEGREIROS 1895: 362 *ni'migu*.

Como suporte teórico para a organização da macro e da microestrutura do dicionário utilizamos as ideias de Haensch (1982), Landau (1989), Dapena (2002) e Welker (2004).

## A variante angolana da língua nyinungu espremida entre os grupos kimbundu [h20] e chokwe-lunda [k10-20]

Geralda de Lima Angenot  
gangenot@yahoo.com  
*Universidade Federal de Rondônia*  
Jacky Maniacky  
jacky.maniacky@africamuseum.be  
*Musée Royal de l'Afrique Centrale*  
Everaldo Lins de Santana  
everaldolsantana@yahoo.com.br  
*Universidade Federal de Rondônia*

Pretende-se contribuir à classificação controvertida do nyinungu (mais conhecido como minungu), uma língua bantu não descrita falada em Angola e no Congo-Kinshasa, em duas áreas que ficaram separadas em decorrência da expansão chokwe que atravessou Angola de norte a sul. Há propostas divergentes segundo as quais seria: a) uma variante dialetal do kimbundu [H21]; b) uma língua de transição entre os grupos kimbundu [H20] e chokwe-lunda [K10-20] ou, c) uma língua que pertence plenamente ao grupo que inclui o lunda [K22/L52], o ruund [K23/L53] e o chokwe [K11]. O segundo co-autor (Maniacky, 1997), ao interpretar os poucos dados disponíveis, observou que a variedade angolana do nyinungu parece ser muito próxima do shinji [H35] e, com um grau menor, do songo [H34], tanto na sua estrutura como no plano lexical, embora possua também algumas características do lunda no seu vocabulário. Com base numa amostra de dados coletados por ele em Lubumbashi em 2008, o mesmo (Maniacky, 2009) demonstrou que a variante congoleza pertence nitidamente ao mesmo grupo da zona tipológica K que o chokwe e o lunda, com uma maior afinidade com a segunda dessas línguas e que não reflete nenhuma influência linguística da zona H. A primeira co-autora que está descrevendo *in loco* o nyinungu em uso na província de Lunda Sul, no Alto rio Kwango, a cerca de 300 kms de Saurimo, confrontou essa variante angolana com o shinji e o kimbundu além do lunda e do chokwe. As duas variantes serão comparadas.

Angenot, Geralda de Lima (em preparação). *A Sketch of Angolan Nyinungu*.

Magalhães, António Miranda (1922). *Manual das Línguas Indígenas de Angola*. Loanda.

Maniacky, Jacky (1997). *Contribution à l'Etude des Langues bantoues de la Zone K: Analyse comparative et Sous-groupements*. Paris, França: INALCO.

Maniacky, Jacky (2009). "Notes on Nyinungu", *6<sup>th</sup> World Congress of African Linguistics*. Köln, Alemanha.

## **Marcas do passado no PB e no PA**

Hely Dutra Cabral da Fonseca  
cabral@uefs.br  
*Universidade Estadual de Feira de Santana*

A pesquisa linguística no Brasil tem demonstrado que a variante falada na Bahia apresenta um tipo de negação final que pode ser interpretada como resíduo de marcas deixadas por línguas em contato, ausentes no português europeu. Com base em fatos históricos, procuro mostrar que o fenômeno estudado resulta do contato linguístico entre o português e os falares africanos dos transplantados pelo tráfico negreiro no período dos séculos XVI ao XIX. Ao comparar dados do português brasileiro com os de Angola, comprova-se a hipótese levantada no presente trabalho de que os falares de África se mesclaram à base (português europeu) resultando nessas duas variantes que se assemelham.

Palavras-chave: português europeu (PE), português brasileiro (PB), português de Angola (PA), falares africanos.

## O sistema de definitude e de referencialidade de uma falante afro-brasileira idosa

Ilza Maria de Oliveira Ribeiro  
ilza@ufba.br  
Universidade Federal da Bahia

O texto discute o sistema de marcação de definitude e de referencialidade na amostra de fala de uma afro-descendente, uma informante de Helvécia (HV-19 - Projeto Vertentes), que se supunha ter 103 quando a entrevista foi gravada; portanto, deve ter nascido no final do século XIX. Após a descrição do sistema atestado nesta informante, seus resultados são comparados com os de outras duas línguas Bantu (bemba e dzamba), conforme estudo de Givón (1978); procura-se com isto responder a questões relacionadas com interferência do substrato bantu no PB. A seguir, retoma-se o ciclo de gramaticalização do artigo, como proposto em Greenberg (1978), procurando mostrar que a evolução particular dos usos dos artigos e demonstrativos no PB afro-brasileiro se relaciona com fatores extralinguísticos próprios de situação de contato linguístico (Lucchesi, Baxter & Ribeiro 2009). Por fim, o sistema da informante afro-brasileira é comparado com o do PB em geral, seguindo a análise de Kabatek (2003), que posiciona o ciclo de gramaticalização do artigo / demonstrativo no PB como anterior ao nível I da escala de Greenberg. Os resultados desse cotejo trazem novas evidências empíricas para a relação histórica entre o contato linguístico e a formação das variedades populares do português brasileiro.

### Referências:

- Givón, Talmy. (1978). Definiteness and referentiality. In J. Greenberg, C. Ferguson & E. Moravcsik (Eds.). *Universals of human language*, vol. 4. Stanford: Stanford University Press, 291-330.
- Greenberg, Joseph. (1978). How does a language acquire gender markers. In J. Greenberg, C. Ferguson & E. Moravcsik (Eds.). *Universals of human language*, vol. 3. Stanford: Stanford University Press, 47-82.
- Lucchesi, Dante, Baxter, Alan & Ribeiro, Ilza. (orgs.). (2009). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA.
- Kabatek, Johannes. (2003). Existe-t-il un cycle de gramaticalisation de l'article dans les langues romanes?

## Variação das preposições dativas no dialeto de Helvécia-BA

Isis Juliana Figueiredo de Barros  
julianaisis@gmail.com  
Universidade Federal da Bahia

Este trabalho analisa a realização das preposições *a* e *para* diante de complementos dativos por falantes da comunidade afro-brasileira de Helvécia - Bahia. Tem-se por objetivo investigar a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos na realização dessas preposições. Tomaram-se como *corpus* amostras de fala de doze inquiridos da comunidade, pertencentes ao banco de dados do Projeto Vertentes. Em termos gerais a preposição *para* é a mais frequente em todo o *corpus*. Ainda assim, em relação à variável social *faixa etária*, os resultados encontrados na análise apontaram para uma mudança em progresso, com aumento do uso da preposição *para* da faixa mais velha para a mais nova, em oposição à diminuição da frequência da preposição *a* nas faixas mais novas. Ao contrário das expectativas, há um uso mais frequente da preposição *a* na fala de pessoas que não tiveram contato com a educação formal, o que pode indicar a influência da norma culta ou padrão esteja, na verdade, incrementando o uso de *para* e não de *a*. Quanto ao tipo semântico do verbo, há uma diferença categórica no que se refere à escolha da preposição: a preposição *a* é realizada somente com verbos do tipo *dissendi* e *benefactivo*, não ocorrendo com verbos de movimento. Neste contexto, a preposição *para* é frequente com todos os tipos de verbo. Em se tratando da estrutura do sintagma verbal (VP) em situação em que o complemento dativo vem imediatamente posposto (e seguido de objeto direto realizado) ao verbo, não há preferência quanto ao uso das preposições, se *a* ou se *para*.

**O sistema insólito dos classificadores kibala-ngoya, uma variante linguística angolana não documentada do kwanza sul, na intersecção dos grupos kimbundu [h21] e umbundu [r11]**

Jean-Pierre Angenot  
jpangenot@hotmail.com  
Universidade Federal de Rondônia  
Ndonga Mfuwa  
ndongam@yahoo.fr  
Universidade Agostinho Neto  
Michela Araújo Ribeiro  
michelamar\_2007@hotmail.com  
Universidade Federal de Rondônia

O kibala é mais conhecido como ngoya, um termo umbundu (R11) com a conotação pejorativa de "bárbaro", "selvagem" aplicado aos vizinhos e que acabou assumido pelos kibalistas. Fala-se ao sul do Bolo, sendo, portanto, fora da área "oficialmente" atribuída ao grupo kimbundu, numa região de transição mal definida entre as zonas H e R situada no norte da província de Kwanza Sul, cujas localidades são Ebo, Quibala, Quilenga, Gabela, Condé, Assango e Wako Kungo. O kibala-ngola nunca foi descrito nem repertoriado nas classificações das línguas bantu, sendo apenas mencionado *em passant* como um dialeto kimbundu (H21) em textos angolanos de divulgação restrita. Ao descobrir que, segundo seus usuários monolíngues, esse falar não propiciaria nenhuma intercompreensão com seus vizinhos, seja do norte (kimbundu (H21), do sul (umbundu, H11) ou do leste (lwimbi (K12b) e chokwe (K11)), o primeiro co-autor assumiu o compromisso de descrevê-lo (Angenot, em preparação). O sistema classificatório é particularmente intrigante, revelando na subjacência um aumento pré-prefixal /o-/ que é "flutuante" e vector de "casos tonais", cujas realizações são determinadas por restrições fonológicas (iniciais consonantal ou não do prefixo), fonotáticas (mono ou polissilábico do radical) e fonoestilísticas (hiper *versus* hipoarticulação). Uma sequência de três aumentos, ou seja, /o-la-o/ → [(o)la, olo] precede o PN 10, o que aponta para uma possível influência umbundu. Este aumento /-la-/ não figura na lista dos aumentos de De Blois (1970) e parece inovador.

- Angenot, Jean-Pierre (em preparação). *A Sketch of Angolan Kibala-Ngoya*.  
De Blois, K. F. (1970). "The augment in the Bantu languages", *Africana Linguistica*. Tervuren, Belgique: MRAC.  
Kukanda, Vatomene (1974). *Esquisse Grammaticale du Kimbundu*. Lubumbashi: Université Nationale du Zaïre.  
Schadeberg, Thilo C. (1982). *A Sketch of Umbundu*. Köln: Rüdiger Kopper Verlag.  
Silva, Oziel Marques da (em preparação). *Fonologia, Gramática e Dicionário da Língua Lwimb.i*. Luanda: Universidade Agostinho Neto.

## O surgimento de novas línguas urbanas na África — evolução ou ameaça?

Juliana F. Macek  
jmacek@uol.com.br  
*Universidade de São Paulo*

Nos grandes centros urbanos da África, que normalmente enfrentaram um processo de urbanização extremamente rápido no período pós-colonial, com um crescimento populacional também muito rápido, as mudanças linguísticas são inevitáveis. Deste modo, praticamente todas as línguas africanas utilizadas no meio urbano passaram por diferentes graus de transformação ou, em certos casos, deram origem a novos sistemas linguísticos.

A vida urbana, um meio pluricultural, exige que os indivíduos construam estratégias adaptativas que lhes permitam ter sucesso nas interações diárias com estranhos de diferentes grupos étnicos, o que os obriga a escolher diferentes táticas e, uma das mais importantes escolhas a ser feita, é em relação à língua. Daí podermos compreender o surgimento de jovens línguas híbridas “construídas” pela população jovem, menos favorecida, que se viu obrigada a reformular valores ligados às questões de identidade, relações de gênero, diferenças e diversidade, tradição e modernidade, produção cultural, além de questões de política de produção e circulação de bens, normalmente em um ambiente de imensa disparidade econômica. O surgimento deste tipo de linguagem normalmente está associado ao espaço público, mais precisamente à rua - como fica evidente no próprio nome da variedade falada em Dar es Salaam, *Lugha ya Mitaani* (“língua das ruas”, em Kiswahili).

Neste trabalho vamos apresentar as variedades que mais têm chamado a atenção de pesquisadores em diversas áreas, porém daremos ênfase às variedades que se destacam na porção leste da África, região onde o Kiswahili funciona como língua veicular.

Para compreender a dinâmica destas complexas realidades, nossa abordagem será aquela proposta pela ecolinguística, uma área de estudo multidisciplinar, que propõe o estudo das relações entre língua, povo e meio ambiente a partir de uma perspectiva integradora.

**As estruturas reflexivas no português afro-brasileiro:  
*uma análise da comunidade de Helvécia***

Jurgen Alves de Souza  
professorjorgen@hotmail.com  
*Universidade Federal da Bahia*

Vários estudos linguísticos a respeito das estruturas reflexivas presentes no português falado no Brasil têm revelado algumas características que parecem ser traços típicos do português popular brasileiro, principalmente quando se observam os dialetos rurais. A maior parte desses estudos, porém, não leva em consideração o contato linguístico ocorrido no período da colonização brasileira – destacadamente o contato do português com as línguas africanas – como uma explicação provável para que se imprimissem essas marcas no processo de reflexivização utilizado na fala popular da língua que aqui se fixou. Tomando como ponto de partida a comunidade de Helvécia, localizada no extremo sul da Bahia, a análise que aqui se apresenta compõe uma parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida acerca da presença de tais características na fala de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, procurando, assim, contribuir para uma melhor compreensão da possível influência do contato entre línguas na formação do português brasileiro, especialmente em suas variedades populares.

Palavras-chave: estruturas reflexivas; comunidades rurais afro-brasileiras; contato entre línguas; português brasileiro.

## **Condicionamentos da ordem VS em comunidades rurais e comunidades remanescentes de quilombo do interior do estado da Bahia**

Lanuza Lima Santos  
lanuzalima@gmail.com  
*Universidade Federal da Bahia*

O Português Brasileiro (PB) apresenta como padrão mais frequente a ordem direta sujeito-verbo (SV), apresentando fortes restrições à inversão verbo sujeito (VS), sobretudo com verbos transitivos. Esse comportamento, conforme os resultados cotejados por Berlinck (1989) sobre a inversão na diacronia do português, é resultado de uma tendência de crescente fixação da ordem SV que caracterizou o transcurso dos séculos XVIII ao XX. Partindo da observação empírica em sentenças interrogativas e declarativas, o presente trabalho busca, sob do enfoque teórico-metodológico da sociolinguística variacionista, identificar os condicionamentos e restrições para as ordenações VS/SV em dois tipos de comunidades: os municípios rurais do interior do estado da Bahia Santo Antonio e Poções; e as comunidades remanescentes de quilombo, Cinzento e Sapé. A análise busca identificar o padrão linguístico dessas comunidades em relação ao fenômeno em foco e observar em que medida se aproximam/distanciam da tendência geral do português brasileiro. Além disso, a comparação dos dois tipos de comunidades, marcadas e não marcadas etnicamente, visou identificar possíveis marcas da influência do contato entre línguas. O corpus utilizado nesta pesquisa faz parte do acervo do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, coordenado pelo professor Dante Lucchesi (UFBA). Para este trabalho, foram utilizados 24 inquéritos do *corpus* do português afro-brasileiro (Cinzento e Sapé) e 48 inquéritos do *corpus* do português popular (divididos entre as sedes e zonas rurais dos municípios mencionados). Os informantes foram selecionados conforme as variáveis estratificadas: sexo (masculino/ feminino) e faixa etária (I - 20 a 40/ II - 41 a 60/ III- mais de 60 anos). Considerou-se ainda a estada fora da comunidade e a escolaridade (semi-analfabetos e analfabetos). As ocorrências codificadas foram submetidas ao tratamento estatístico do programa de regras variáveis VARBRUL a partir do qual foram obtidos os resultados aqui apresentados e comentados.

## O uso variável dos artigos em comunidades do português popular da Bahia

Luanda Almeida Figueiredo de Oliveira  
luandafiguei@hotmail.com  
Universidade Federal da Bahia

Este trabalho aborda um estudo empírico sobre o uso variável do artigo definido em sintagmas nominais (SNs) em comunidades afro-brasileiras do Estado da Bahia e intenta descrever os contextos linguísticos e extra-linguísticos que engendram a variabilidade desse fenômeno. O *corpus* analisado constitui amostras naturais de fala vernácula da comunidade de Helvécia, localizada no extremo sul da Bahia, e da comunidade de Cinzento, no semi-árido baiano. Observaram-se doze entrevistas de cada comunidade, que possuem aproximadamente a duração de uma hora e que foram organizadas de acordo com as seguintes variáveis sociais: sexo do informante (masculino ou feminino), escolaridade (analfabeto ou semi-analfabeto), estada fora da comunidade (presença ou saída da comunidade por pelo menos seis meses) e a faixa etária (faixa 1 – 20 a 40 anos, faixa 2 – 41 a 60 anos, faixa 3 – 61 a 80). Selecionado o *corpus*, passou-se ao levantamento das ocorrências das variáveis dependentes: a presença/ausência do artigo definido em SNs, e, em seguida, a codificação. Concebido no domínio de estudos do Projeto *Vertentes* do Português Rural do Estado da Bahia, que busca indicativos do valor do contato massivo entre línguas africanas na formação do português brasileiro (PB), pretende-se ainda cotejar considerações acerca de trabalhos realizados em línguas crioulas de Cabo Verde e São Tomé sobre o fenômeno em foco, a fim de evidenciar a hipótese da *transmissão linguística irregular* na história da língua portuguesa no Brasil (LUCCHESI, 2001, 2003). O fundamento teórico-metodológico provém da Sociolinguística Variacionista, desenvolvida por William Labov (1972 e 1994).

## Estruturas-QU Fronteadas e o ‘Foco Gramaticalmente Controlado’ – A Participação de Línguas Africanas em Línguas Parcialmente e Completamente Reestruturadas

Márcia Santos Duarde de Oliveira  
 marcia.oliveira@usp.br  
*Universidade de São Paulo*  
 John Holm  
 jholm@mail.telepac.pt  
*Universidade de Coimbra*

Neste trabalho, analisamos sentenças do tipo QU fronteadas no português brasileiro (PB) e em línguas crioulas como exemplificamos em:

(1) *PB*

Quando **que** você foi?

(2) *Crioulo Miskito da Costa*

Bot **a wa** tu duu

**bot a wa tu duu**  
 mas FOC o que eu fazer

“Mas **o que que** eu faço?”

Nossa hipótese é que sentenças-QU fronteadas como as acima atestam ‘foco de controle gramatical’. Este tipo de foco é amplamente documentado na literatura africanista – cf. Hyman & Watters (1974). Diferentemente do ‘foco de controle pragmático’ (*contrastivo*, por exemplo), o falante/ouvinte, em uma interação, não tem qualquer “controle” em aplicar ou não uma morfossintaxe de foco a uma dada estrutura sintática. Ao contrário, a marcação do foco, por meio de partícula, é obrigatória no ‘foco de controle gramatical’. Observe a sentença em:

(3) *Ibibio (língua nigeriana):*

**Mmòó ke** èka m̀fò á- ø bá?  
 where FOC mother 2SG.POSS 3SG.SA- ASPEC<sub>[+FOC]</sub>- BE IN A PLACE

“**Onde que** sua mãe estava?”

Pesquisadores têm tratado construções como (1) e (2) como ‘clivadas’ – cf. Kihm (1993). Em PB, Kato & Raposo (1996) consideram estruturas como (1) como “clivadas com cópula apagada”. Diferentemente, nossa proposta, considera sentenças-QU fronteadas como (1)-(2) como estruturas sintáticas que exigem a marcação do foco por meio de partícula, a exemplo do que se atesta em línguas africanas (como (3)). Logo, sentenças como (1) em PB não são clivadas e não são resultado de apagamento da cópula como em:

(4) Quando **(é) que** você foi?

Sentenças como (1) são representação de foco com marcação morfológica obrigatória em alguns dialetos do PB.

## **O português em contato: aspectos da morfologia verbal em português angolano, brasileiro e moçambicano**

Margarida Maria Taddoni Petter  
mmtpetter@uol.com.br  
*Universidade de São Paulo*

As variedades angolana, brasileira e moçambicana de português compartilham o fato de não se terem desenvolvido como línguas crioulas, o que as distingue das dos demais países lusófonos da África e aproxima-as à do Brasil. Muitos aspectos morfossintáticos, como, por exemplo, a variação na concordância verbal e nominal, são comuns a essas três variedades e já foram apontados em trabalhos anteriores (Gärtner 1997; Inverno 2005; Chavagne 2005; Petter 2008). Este trabalho focaliza as variedades de português formadas na África e no Brasil, chamando atenção para o fato de que diferentes situações de contato, em épocas diversas, mas envolvendo o português e um conjunto de línguas muito próximas, as do grupo banto, produziram alguns resultados semelhantes nos níveis lexical e morfossintático. O objetivo específico desta comunicação é analisar aspectos da morfologia verbal associados à flexão de pessoa e de número observados no português angolano, brasileiro e moçambicano. Os dados serão analisados sob a perspectiva teórica de Myers-Scotton (2002), considerando, principalmente, o modelo dos 4-M (4 morfemas), elaborado para explicar tanto a aquisição quanto o contato de línguas. A teoria de Myers-Scotton demonstra que os processos cognitivos que atuam na aquisição de línguas em contexto de L1 são os mesmos que agem em contexto de L2. O modelo dos quatro morfemas (4-M) explicita quando e como os morfemas são adquiridos, em qualquer ambiente; a diferença vai se manifestar no grau e não na qualidade dos fenômenos. Desse fato decorre uma aquisição precoce dos morfemas de conteúdo (léxico, principalmente) e mais tardia de alguns morfemas gramaticais, que podem ser representados pelas marcas de concordância, principalmente nas situações de L2. Quando a informação de pessoa e número é fornecida pelo pronome pessoal sujeito, este é um morfema gramatical precoce; quando ela se manifesta por meio de morfema posposto à raiz verbal, trata-se de morfema gramatical tardio, adquirido posteriormente, pois traz uma informação de ordem estrutural, que envolve o mecanismo de concordância.

## **A língua mina e o português: o ecossistema da Casa das Minas, São Luís**

Maria do Carmo Santarém da Silva  
m\_carmo@yahoo.com.br  
*Universidade Federal de Rondônia*

A chegada de negros africanos ao Brasil no século XVI modificou drasticamente o ecossistema linguístico do Brasil, ora em construção, e contribuiu à elaboração da identidade linguística do país, pois o contato entre as línguas africanas, as variedades do português europeu antigo e as línguas gerais de base tupi acarretou mudanças em todas as línguas do ecossistema, e, conseqüentemente, na língua portuguesa falada no país, diferenciando-a do português lusitano. Mas, uma fundamental diglossia restringiu o uso das línguas africanas, em sua maioria, aos rituais afro-brasileiros. Neste sentido, o presente trabalho propõe um estudo de caso envolvendo a língua -mina- usada nos cultos voduns da Casa das Minas em São Luís; propomos uma modelização dos processos linguísticos pelos quais passaram as lexias “mina” até infiltrarem-se ao português brasileiro e sua influência no contexto dos falares cotidianos na Casa. A pesquisa se baseia numa coleta de dados *in loco* na Casa das Minas, através de gravações dos cultos e de conversas. Esse trabalho é de cunho descritivo, numa perspectiva ecolinguística, valendo-se de bibliografias referentes a este modelo.

Palavras-chave : Ecossistema linguístico, contato de línguas, língua mina, processos linguísticos, lexias, diglossia.

## **Entre o Português e a(s) língua(s) indígena em Aldeias de Dourados/MS**

Maria Ceres Pereira  
mceresp@gmail.com  
Jussara Marques Lopes  
kake.jussara@gmail.co

*Universidade Federal da Grande Dourados*

Esta comunicação se inscreve na linha de contato de línguas, cujos dados/registros são oriundos de pesquisa em andamento, apoiada pela CAPES/INEP/DEB, edital - Observatório da Educação Escolar Indígena 2009. O foco e recorte para esta apresentação se dará a partir da situação das línguas portuguesa e indígena (majoritariamente guarani) em sala de aula. A escola acolhe alunos que, na maioria são bilíngues, contudo, a escola, provavelmente, por despreparo acadêmico dos professores não pratica o ensino bilíngue o que se revela um "problema" visto que os alunos nem saem dominando bem o português e nem a língua indígena. Os registros a serem apresentados foram coletados ao longo de 2008 e 2009 em uma escola indígena da aldeia de Dourados/MS.

## O objeto direto correferencial em atas de africanos alforriados no Brasil oitocentista

Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva  
macrisfi@uol.com.br  
União Metropolitana de Educação e Cultura/  
Universidade Salvador

Este trabalho trata da realização variável do objeto direto correferencial nas atas da *Sociedade Protetora dos Desvalidos*, escritas por africanos alforriados, no Brasil oitocentista, no período de 1832 a 1842, com o objetivo de fornecer dados para uma melhor compreensão da formação da variedade brasileira da língua portuguesa. Para tanto, o resultado da amostra analisada é comparado com os da análise do português rural afro-brasileiro (Figueiredo, 2004, 2009) e com os do português rural europeu (Figueiredo, 2009). Para retomar, na função de objeto direto, um elemento já mencionado no discurso, o português conta com quatro estratégias: o clítico acusativo (1- **Ana**<sub>i</sub> chegava por uma rua pouco iluminada, mas eu **a**<sub>i</sub> via de longe.); o objeto nulo (2. Vi **o carro de meus sonhos**<sub>i</sub> em uma exposição, mas não pude comprar \_\_\_\_<sub>i</sub>.); o pronome ELE (3. **Rita**<sub>i</sub> me convidou para uma viagem, mas eu não pude acompanhar **ela**<sub>i</sub>.); um sintagma nominal (4. **Doce pronto**<sub>i</sub> tem em qualquer lugar. Mas algumas pessoas teimam em fazer **doce**<sub>i</sub> em casa.). Neste trabalho, embora o número de dados encontrados não seja suficiente para nos fornecer uma generalização, devido ao tipo de texto analisado, verificou-se que o objeto nulo é a estratégia mais realizada no corpo das atas, seguida pelo clítico e pela repetição do DP. Esse resultado demonstra que o comportamento linguístico de indivíduos que adquiriram o português como L2 aproxima-se do português falado no Brasil devido à predominância do objeto nulo, mas resguarda característica do PE, visto que a retomada através de uma forma pronominal se dá pelo clítico acusativo. Não foi encontrada qualquer ocorrência do pronome ELE como estratégia de retomada na posição de objeto direto, uma característica peculiar ao português popular brasileiro.

## **A situação de contato entre línguas indígenas faladas no estado do Pará**

Marília Ferreira-Silva  
mariliaferreira1@gmail.com  
Ricardo Bezerra Sampaio  
ricardobezerrasampaio@yahoo.com.br  
*Universidade Federal do Pará*

O Pará é o segundo maior estado do país em extensão, constituído por 143 municípios. Localiza-se ao centro da região norte e concentra línguas indígenas de três troncos linguísticos – Macro-Jê, Tupi e Karíb. A situação de contato entre essas línguas remonta séculos sem documentação ou com documentação esparsa, encontrada na literatura dos viajantes principalmente. O objetivo deste trabalho é apresentar um panorama sobre as línguas indígenas faladas no estado do Pará e sua situação de contato a partir dos trabalhos de linguistas que vêm trabalhando na descrição dessas línguas.

## Clíticos pronominais no português vernacular são-tomense

Nathaschka Martiniuk Polycarpo (PROEP)  
nathaschka.polycarpo@usp.br  
Gabriel Antunes de Araujo (FAPESP)  
g.antunes@usp.br  
*Universidade de São Paulo*

Neste trabalho, apresentaremos o comportamento dos clíticos pronominais no português vernacular são-tomense (PVS). O *corpus* desta pesquisa consiste em 213 sentenças, coletadas com 55 informantes, em situações de fala espontânea. Descreveremos o comportamento dos clíticos pronominais no PVS, segundo as variáveis: (A) posição em sentenças com um único verbo; (B) posição em sentenças com grupos verbais. Os fatores condicionadores observados foram (I) a natureza gramatical do elemento imediatamente anterior ao verbo; (II) o tipo de sentença; (III) o tipo de fonte. O primeiro fator condicionador abordado leva em conta: verbo no começo da oração; pronome pessoal do caso reto, como sujeito; expressão referencial, como sujeito; quantificador; advérbio/locução adverbial; partícula negativa; pronome relativo; **Error! Reference source not found.** conjunção subordinativa; conjunção coordenativa; preposição 'para'; elemento WH. A variável B tem os seguintes contextos: verbo auxiliar – ir; verbo flexionado seguido por verbo no infinitivo; verbo no infinitivo precedido por 'a'. Os clíticos pronominais evidenciam características que aproximam a gramática do PVS ora ao Português Europeu (PE), ora ao Português Brasileiro (PB) e ora o distancia destas duas variantes. Exemplos destes casos são, respectivamente, quando o verbo inicia a oração, na qual temos, categoricamente, o uso de ênclise; quando o verbo inicia uma oração coordenada ou quando há a conjunção coordenativa o uso de próclise também é categórico; e por fim, quando há o preenchimento lexical da posição de COMP – por um complementizador, o PVS aceita tanto a próclise quanto a ênclise. Através da descrição do comportamento dos clíticos pronominais do PVS, e sua posterior comparação com o PE e PB, pretende-se investigar as diferenças das variedades da língua portuguesa. Até o presente momento, os dados do PVS analisados mostram várias semelhanças com o PE, ou seja, mesmo convivendo com línguas crioulas, o PVS não parece ter sofrido influências dessas línguas. Se, isso se comprovar, poderemos corroborar a hipótese de NARO & SCHERRE (2007), segundo a qual as diferenças e 'peculiaridades' das variedades transplantadas podem estar associadas à deriva secular e não a uma possível pidginização/crioulização.

## **A língua bantu angolana mbwela [k17] e a busca etimológica dos bantuísmos brasileiros**

Ndonga Mfuwa  
ndongam@yahoo.fr  
*Universidade Agostinho Neto*  
Janine Félix da Silva  
janinafs@hotmail.com  
Rosa Maria de Lima Ribeiro  
pink\_mary\_1976@hotmail.com  
*Universidade Federal de Rondônia*

O mbwela [K17] é uma língua não documentada que pertence ao grupo K10 que domina a metade oriental de Angola. A documentação desta área é imprescindível para conseguir-se evidências etimológicas dos bantuísmos brasileiros suscetíveis de confirmar as advertências dos historiadores de que o principal "homeland" dos escravos bantu embarcados para o Brasil não se situava no litoral do país. Maniacky (2008) destacou uma amostra de bantuísmos brasileiros dos quais os cognatos atestados pertencem a línguas da zona K, não se encontrando na zona H, à qual pertencem o kikongo e o kimbundu, nem na zona R, à qual pertence o umbundu. Infelizmente são particularmente parcas as descrições sobre o grupo K10, como, de modo geral, sobre as línguas angolanas. Entre os fatores cumulativos que explicam tal carência, destacam-se a política integracionista de Portugal que penalizava o uso das línguas autóctonas, os intermináveis quarenta anos de guerra e a língua colonial portuguesa raramente familiar aos bantuístas. A língua mbwela, que nunca tinha sido documentada, está a ser descrita pela primeira vez, como objeto de tese doutoral, pela segunda co-autora da presente comunicação (Silva, em preparação), sob a orientação do primeiro. Os dados do mbwela e dos afro-brasileirismos de origem bantu serão interpretados fonológica e morfologicamente.

Maniacky, Jacky (2003). *Tonologie du ngangela, variété du Menongue (Angola)*. Paris: INALCO.

Maniacky (2008) "Singularités lexicales dans les langues bantu du sud-ouest, VI WOCAL. Universidade de São Paulo.

Silva, Janine Félix da (em preparação). *Fonologia, Gramática e Dicionário da Língua Mbwela (K17)*. Tese doutoral. Luanda, Angola: Universidade Agostinho Neto.

Zavoni, Ntongo (2006). *Morfologia e Sintaxe do Ngangela*. Coleção Universitária: Série Linguística. Luanda: Editorial Nzila.

## Complementadores nulos e predicados complexos em Crioulo de Cabo Verde

Nélia Alexandre  
nelia\_alexandre@clix.pt  
Anabela Gonçalves  
Fernanda Pratas  
*Universidade de Lisboa*

Os objectivos desta comunicação são dois. Primeiro, partindo dos dados do Crioulo de Cabo Verde (CCV – variante de Santiago), apresentaremos as propriedades das construções em que a frase encaixada não é introduzida por um complementador lexical, como com verbos de controlo em (1) e de Marcação Excepcional de Caso em (2). Segundo, reflectir sobre o tratamento destas construções como sendo introduzidas por complementadores nulos ou como constituindo predicados complexos.

- (1) Tudu algen ta kre  $\emptyset$  bai seu.  
'Toda a gente quer ir para o céu.'
- (2) Nha pai manda-m  $\emptyset$  kunpra uns bolinhu.  
'O meu pai mandou-me comprar uns bolinhos.'

A discussão sobre se estas construções envolvem um complementador nulo é longa e já vem desde Kayne (1980). Gonçalves (1999) mostrou, contudo, para o Português europeu, que estas são construções de predicados complexos, regidas por propriedades sintácticas típicas. Apesar de estas construções do CCV não exibirem algumas dessas propriedades, como a subida do clítico (cf. (3b.)), há outras a que a língua parece obedecer, como a impossibilidade de ocorrência de material funcional entre o verbo matriz e o encaixado (e.g., a negação em (4c.)).

- (3) a. Djon ka [<sub>v</sub> kre] [<sub>v</sub> kunpra]-I na Sukupira.  
'Djon não quer comprá-lo no mercado.'  
b. \*Djon ka [<sub>v</sub> kre]-I [<sub>v</sub> kunpra] na Sukupira.
- (4) a. N kre fase katxupa manhan.  
b. N **ka** [<sub>v</sub> kre] [<sub>v</sub> fase] katxupa manhan.  
c. \*N [<sub>v</sub> kre] **ka** [<sub>v</sub> fase] katxupa manhan.  
'Eu (não) quero fazer uma cachupa amanhã.'

## A concordância verbal variável no português dos Tongas

Norma da Silva Lopes  
norma-lobes@uol.com.br  
*Universidade do Estado da Bahia*  
Alan Baxter  
fshanb@umac.mo  
*Universidade de Macau*

A variação da concordância verbal é um dos traços do português brasileiro (PB) indicativo de uma história de aquisição através de um processo de transmissão irregular (BAXTER & LUCCHESI, 1997; BAXTER, 1998; LUCCHESI & BAXTER, 2009). No PB, a variação da concordância verbal é amplamente observada, mas esse fenômeno é ora estudado na comunidade dos Tongas, em São Tomé, na África. Os Tongas são descendentes de africanos contratados no interior do continente, nos séculos XIX e XX, para trabalharem nas grandes roças de cacau e café de São Tomé. Em termos das suas origens, das suas condições de trabalho na roça Monte Café, e do contexto para a aquisição do português, segundo Baxter (2001), existem vários paralelos com os empreendimentos agrícolas brasileiros de início do século XIX. A grande maioria desses africanos veio do interior do continente e chegavam sem conhecimentos do português. O dialeto português dos Tongas (PT) divergiu bastante do português dos administradores, e apresenta características de outras variedades do português nascidas em contexto de contato, entre as quais a variação em todas as regras de concordância. Portanto, o PT pode fornecer dados interessantes para a compreensão do desenvolvimento das concordâncias variáveis. Neste texto, apresentam-se observações preliminares de um estudo variacionista sobre a concordância verbal no PT em dados procedentes de três faixas etárias, contemplando a morfologia de P1, P4 e P6, e o seu potencial condicionamento por uma gama de variáveis independentes que incluem a posição do sujeito, a saliência morfofonológica do verbo, o tempo, a presença de negação, e a faixa etária. Os resultados apontam para um processo de aquisição iniciado por um sistema praticamente sem concordância. Entre os fatores linguísticos que orientam a concordância, são notáveis a saliência, o tempo verbal, a posição do sujeito e a negatividade do verbo.

## ***Dialeto dos negros na tradução brasileira de *Gone with the Wind* (1939)***

Odete Pereira da Silva Menon  
odete@ufpr.br  
Universidade Federal do Paraná

A tradução de livros e o ensino de uma língua como estrangeira exigem a representação atualizada do estado de uma língua, fato que, como tenho verificado, nem sempre é atestado na produção nacional de textos. Por isso, é importante utilizar as traduções para verificar o grau de mudança linguística já incorporado por um profissional da área. Assim, é possível analisar como foi feita a “leitura” e percepção dos traços constitutivos do “dialeto dos negros”, tal como aparece na tradução brasileira de “E o vento levou” (1939). Pretende-se mostrar quais foram as características linguísticas mais salientes detectadas/apresentadas pela tradutora e que aparecem na boca dos escravos, personagens da obra: Jeems (“*Nós não vai achá p’ra comê, sinão cuêio e verdura.*”); Babá (*Os fidalgo já foi? Pruquê você não fez eles ficá p’ra ceia, Sinhá Scarlett? Já mandei Poke botá mais dois taié na mesa p’ra eles. Que maneiras é essa?*), Pork (*Tou tão contente de tê vortado!*) e a mulher Dilcey (*Então havia de partir com aqueles negros ordinários, depois do Pai de vosmecê comprar eu e minha pequema Prissy, e sua Mãe sê tão boa?*), o velho Pedro (*Ocês devia tê vregonha de pô Sinhá Pitty nesse estado.*), Prissy (*Acho qui ela tá cum as teta muito cheia e percisa tirá o leite dela.*) e Big Sam ([*matei*] *Um sordado Yankee, i eles tão prucurando eu*). Esse levantamento, além da apresentação dos fatos atestados na obra, pode fornecer aos estudiosos da área de crioulística do Brasil um perfil do que foi julgado como pertencente à “língua de preto” na primeira metade do século XX e o que concerne à língua portuguesa em geral, sobretudo nos estratos mais baixos da população, como concordância nominal e verbal, por exemplo.

## Línguas rituais e contatos linguísticos: possíveis aproximações

Paulo Jeferson Pilar Araújo  
pjpilar@usp.br  
*Universidade de São Paulo*  
Ana Stela de Almeida Cunha  
ascunha@ics.ul.pt  
*Universidade de Lisboa*

Este trabalho busca uma sistematização do que vem a ser línguas rituais no âmbito de religiões afro-americanas. Como tópico específico, tratamos das possíveis relações das línguas rituais utilizadas em religiões de matriz africana no Brasil e Cuba com questões mais gerais quanto aos contatos linguísticos na constituição e no estatuto etnolinguístico dessas mesmas línguas rituais. São analisados os possíveis resultados dos contatos linguísticos do português com línguas africanas na constituição das línguas rituais dos cultos afro-brasileiros; e do espanhol com línguas africanas para o caso dos cultos afro-cubanos. As línguas africanas em questão são basicamente o yourubá, para as vertentes de candomblé queto, no Brasil, e Santería, em Cuba. O quimbundo, para os candomblés angola; e o quicongo, para o Palo Monte, em Cuba. Buscamos fazer uma correlação entre a atual configuração das línguas africanas cristalizadas na forma de línguas rituais às possíveis situações de contato determinantes dessa configuração, para o caso das religiões afro-americanas em questão. O presente trabalho é baseado em anos de pesquisas empíricas em comunidades religiosas de terreiro do Maranhão e São Paulo/Brasil e de Havana/Cuba, e busca contribuir para um melhor entendimento do estatuto dessas línguas rituais, comumente consideradas línguas cristalizadas (Keane, 2006). Como suporte teórico-metodológico, adota-se a perspectiva da antropologia linguística, como definida por Duranti (1997; 2001; 2007). De tal sorte, este texto trará apontamentos tanto empíricos quanto teóricos, buscando refletir sobre os processos de contato linguístico, na região do Caribe (Cuba) e no Brasil, contribuindo assim para uma melhor compreensão do estatuto de uma língua ritual.

Palavras-chave: *Línguas rituais; religiões afro-americanas; contato de língua.*

## Evidências da estrutura bipartida do VP na língua tenetehára

Quesler Fagundes Camargos  
queslerc@yahoo.com.br

Fábio Bonfim Duarte  
fbonfim@terra.com.br

*Universidade Federal de Minas Gerais*

Neste trabalho, investigamos o estatuto dos prefixos **mu-** e **-kar** na Língua Tenetehára. O propósito é avaliar se esses dois afixos podem ser interpretados como sendo a realização morfológica do núcleo causativo em predicados transitivos. O que se observa é que o morfema **mu-**, em geral, forma verbos transitivos a partir de verbos monoargumentais, de adjetivos e de nomes. Nestes contextos, notamos que há aumento de valência, já que um novo argumento, em geral um D/NP agente, é inserido na posição de Spec-vP. Este argumento carregará as propriedades semânticas de [+DESENCADEADOR, +CONTROLE, -AFETADO]. Assumiremos ainda que este morfema pode ser interpretado como o núcleo da estrutura vP. Essa hipótese se baseia na proposta de Hale e Keyser (2002) e de Harley (2008), segundo a qual verbos transitivos de ação possuem uma estrutura bipartida com dois núcleos: um núcleo causativo e um núcleo de natureza lexical. Já o morfema **-kar** forma verbos transitivos complexos a partir de verbos transitivos simples, resultando em uma estrutura com três argumentos nucleares, dois DPs agentes e um DP afetado. Nesta estrutura, o DP agente que carrega o traço semântico de afetação, proveniente do verbo transitivo inicial, é promovido a oblíquo. A razão é simples: este DP tem de ser promovido a oblíquo para satisfazer o Filtro de Caso, já que, se isso não ocorresse, o DP, que carrega as propriedades semânticas [+DESENCADEADOR, +AFETADO], ficaria sem receber Caso abstrato na sintaxe. Em suma, tomando por base o comportamento morfossintático dos dois afixos causativos, exploraremos a hipótese de que as estruturas causativas são compostas por dois núcleos causativos com propriedades gramaticais distintas. Tal diferença consiste no fato de que o morfema causativo **mu-** c-seleciona APs, NPs e VPs monádicos, enquanto o morfema causativo **-kar** c-seleciona apenas VPs diádicos.

## De onde vem a aspiração?

Ronaldo Pelicioli  
nadopel@bol.com.br  
*Universidade Federal da Bahia*

A aspiração de consoantes fricativas é um fenômeno encontrado principalmente (mas não só) na região Nordeste do Brasil. Na aspiração dessas consoantes, o ponto de articulação é realizado na glote, sem a obstrução total do ar, modo como são realizadas todas as consoantes fricativas. Como exemplo, pode-se citar *A rênti tarra em carra mermo*, em que ocorre a aspiração do /ʒ/, do /v/, do /z/ em cabeça de sílaba e do /S/ em coda silábica, respectivamente. Se não se levar em conta a aspiração, o exemplo fica *A gente tava em casa mesmo*. Tentar-se-á, aqui, relacionar esse fenômeno linguístico com o contato maciço que houve entre o português e as línguas africanas trazidas pelos escravos, fazendo-se um paralelo com as línguas crioulas pelo mundo, principalmente as de base portuguesa.

## **Reflexões Acerca de Uma Possível Crioulização em Guajará-Mirim/RO, Região Amazônica/Brasil: As Contribuições dos Movimentos Migratórios**

Sandra de Aguiar Barbalho  
sandraaguiar2003@yahoo.com.br  
*Universidade Federal Rondônia*

Este estudo permite levantar a seguinte indagação: “*existiram línguas crioulas em Guajará-Mirim/RO, região Amazônica/Brasil?*”. Destacando os aspectos da história da respectiva região, as contribuições dos movimentos migratórios, os fatos que tiveram influência na constituição do ecossistema linguístico da região, é possível acreditar que na tentativa de aprendizado de uma nova língua tenha surgido alguma língua de contato, como resultado da mistura das línguas que estiveram presentes na região, e que tenha servido de meio de comunicação entre tais falantes. A partir da época colonial, os espaços amazônicos foram aos poucos ocupados por novos habitantes, que se acomodavam culturalmente junto ao novo ambiente. Porém, as línguas faladas por eles continuaram a evoluir, a se transformar como as demais línguas, perdendo algumas características, desenvolvendo outras, e às vezes se influenciando reciprocamente. No início do século XIX, Guajará-Mirim era um povoado conhecido como Espiridião Marques, parte do Distrito de Paz, do município de Santo Antônio do Rio Madeira, da Província do Mato Grosso, ou seja, apenas uma indicação da existência de espaço brasileiro, frente ao povoado de Guayaramerin/Bolívia. No século XIX, o processo de povoamento brasileiro principiou com imigrantes nordestinos; a estes se juntaram outros, oriundos de várias partes do mundo, como indianos, chineses, gregos, granadianos, barbadianos, cubanos, espanhóis, norte-americanos, libaneses, portugueses e alemães que vinham para participar da construção da Ferrovia Madeira-Mamoré, ou ainda atraídos pela oportunidade de produzirem borracha que seria escoada pela Ferrovia. Os numerosos povos indígenas que habitavam a região, apesar de terem pago um preço muito alto para esta pretensa “civilização”, sendo escravizados e dizimados, continuam presentes neste ecossistema.

**Palavras-chave:** Línguas crioulas, Movimentos Migratórios, Amazônia.

## **Mudanças linguísticas em apurinã (aruák): variação interna vs. contato**

Sidi Facundes  
sfacundes@gmail.com  
*Universidade Federal do Pará*

Apurinã é uma língua da família aruák falada por algumas centenas de indivíduos espalhados ao longo dos afluentes do Rio Purus. Após mais de dois séculos de contato com a língua portuguesa e falada em comunidades espalhadas ao longo dos 1500 km do Rio Purus, apurinã, naturalmente, apresenta tanto mudanças resultantes de variação e mudanças relacionadas a processos internos da língua, quanto àquelas que resultam de influência do contato envolvendo outras línguas indígenas da região e, principalmente, o português. Neste trabalho apresentarei uma análise que objetiva distinguir entre as mudanças resultantes de processos internos e aquelas resultantes do contato com outras línguas. Essa distinção nem sempre é clara e, em alguns casos, não pode ser estabelecida sem um conhecimento aprofundado da estrutura interna da língua ou sem os recursos do método histórico-comparativo — em que cognatos de outras línguas da mesma famílias são comparados. Por exemplo, por um lado, a preferência pelas consoantes oclusivas sonoras por alguns falantes é claramente resultado da influência do português, já que o contraste entre surdo e sonoro não existe em apurinã; por outro lado, a distinção entre /n/ e /ŋ/ em algumas variedades da língua pode ser tanto um resultando de uma mudança causada por um processo interno da língua, quanto da influência do português. Finalmente, uma classificação dos tipos de mudanças (fonológicas, lexicais, sintáticas etc.) será apresentada, indicações de qual tipo de mudança predomina no contato com qual língua serão feitas, e a relevância dos resultados desse estudo para o conhecimento científico sobre o contato entre línguas e a sua relação com a obsolescência linguísticas será discutida.

**O sistema pronominal possessivo no Português Brasileiro, no Português Angolano e em línguas crioulas de base portuguesa: uma análise comparativa**

Silvana Silva de Farias Araujo  
siluefs@ig.com.br

*Universidade Estadual de Feira de Santana*

O quadro pronominal do português do Brasil (PB) tem sido focalizado como um sistema instável, com diversos processos em variação e mudança. Quando se aborda essa temática, observa-se, frequentemente, a existência de processos de mudança em cadeia, a exemplo da inserção da forma *você* no sistema de pronomes pessoais, passando a alternar com a forma *tu*, que gera processos de alternância/substituição no quadro dos pronomes possessivos, como a alternância *seu~dele*, bem como *seu~teu*. Nesta comunicação que focaliza o sistema possessivo, embora sejam analisados aspectos estruturais, será destacada, principalmente, a forte motivação de fatores sócio-históricos na configuração do sistema dos pronomes possessivos do PB atual. Entende-se que o comportamento diferenciado no uso de formas pronominais possessivas do PB, em relação à variedade lusitana, explica-se por alguns fatores da sua sócio-história, como o intenso contato entre línguas diversas ocorrido no Brasil colonial e imperial, que propiciou uma transmissão linguística irregular do português (LUCCHESI, 2003). Na pesquisa empírica para este estudo, utilizou-se o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) e *corpora* diversos, pertencentes ao acervo dos seguintes projetos: *A Língua Portuguesa do Semiárido Baiano - Fase 3: A Língua Portuguesa Falada em Feira de Santana-BA*; *Em Busca das Raízes do Português Brasileiro*, ambos sediados na UEFS; *Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*, sediado na UFBA. Foram utilizadas ainda descrições de crioulos de base portuguesa da África (ALMADA, 1961; LOPES DA SILVA, 1984). Salienta-se que os dados analisados ilustram diferentes variedades da língua portuguesa, sejam as que envolvem diferentes línguas nacionais (português brasileiro, português de Angola e crioulos da África), sejam as que envolvem diferentes normas de uma mesma variedade nacional (normas populares e cultas do PB e do PA).

## O comportamento das preposições no Português Afro-brasileiro

Telma Souza Bispo Assis  
tsbassis@hotmail.com  
*Universidade Federal da Bahia*

O Projeto *Vertentes* do Português Rural do Estado da Bahia tem como objetivo a caracterização da realidade sociolinguística do país e da formação histórica do português brasileiro. Seus estudos concentram-se nos processos morfossintáticos do português rural, a fim de identificar as estruturas linguísticas resultantes de um processo anterior de *transmissão linguística irregular* derivado do contato entre línguas presente na história linguística do Brasil (Lucchesi, 2003). Este trabalho apresenta uma análise empírica da variação e/ou redução do quadro das preposições nas comunidades rurais afro-brasileiras isoladas marcadas etnicamente, uma vez que no intenso processo de contato linguístico esses nexos foram simplificados e/ou eliminados. O *corpus* analisado foi retirado do *Corpus Base do Português Afro-brasileiro do Estado da Bahia*, particularizando as amostras de fala vernácula da comunidade de Helvécia, de acordo com a metodologia da Sociolinguística Variacionista.

## A posição lexical do songo dentro do grupo h20 (kimbundu *stricto sensu*, sama e bolo)

Vatomene Kukanda  
vatkuk@yahoo.fr  
*Universidade Agostinho Neto*  
Maria de Fátima L. de Sousa  
fatimaligias@hotmail.com  
Joane de Lima Santiago  
pink\_mary\_1976@hotmail.com  
*Universidade Federal de Rondônia*

De acordo com as classificações de Guthrie (1967), Grimes (1996), Bastin, Coupez & Mann (1999) e Maho (2002), a zona tipológica H é composta por quatro grupos de línguas bantu aparentadas: kikongo (H10), kimbundu (H20), yaka (H30) e hungana (H40). O grupo H20 compreende as quatro línguas kimbundu (H21), sama (H22), bolo (H23) e songo (H24), sendo que somente a primeira tem sido objeto de descrições conhecidas pelas suas deficiências científicas, ao passo que as três demais nunca foram documentadas, todavia a segunda co-autora da comunicação está a descrever sua tese doutoral sobre o songo sob a orientação do primeiro (Sousa, em preparação). Esta língua é falada por uma população estimada a cerca de 50.000 pessoas que ocupam uma área situada no sul de Malanje perto do rio Kwanza. Segundo Maniacky (1997), apresentaria fortes semelhanças lexicais com o kimbundu e com o mbangala [H34] do grupo yaka. Serão apresentados os resultados obtidos através de pesquisas de campo realizadas com o intuito de determinar e ponderar os graus de proximidade lexical do songo com as demais três línguas do grupo H20.

Bastin, Yvonne, André Coupez & Michael Mann (1999). *Continuity and Divergence in the Bantu Languages: Perspectives from a Lexicostatistic Study*. Tervuren, Bélgica: Musée Royal de l'Afrique Centrale.

Grimes, Barbara F., Ed. (1996). *Ethnologue*. Dallas: Summer Institute of Linguistics.

Guthrie, Malcolm (1967-71). *Comparative Bantu*. Farnborough: Gregg International Publishers

Maho, Jouni Filip (2002). *Bantu line-up: Comparative overview of three Bantu classifications*. Göteborg University.

Maniacky, Jacky (1997). *Contribution à l'Etude des Langues bantoues de la Zone K: Analyse comparative et Sous-groupements*. Paris, França: INALCO.

Pires, Alberto Augusto (1950). "Contos indígenas em dialecto songo", *Mensário Administrativo. Colônia de Angola*

Sousa, Maria de Fátima L. (em preparação). *Fonologia, Gramática e Dicionário da Língua Songo (H24)*. Tese doutoral. Luanda, Angola: Universidade Agostinho Neto.

## **Nós, a gente e a concordância em uma comunidade afro-brasileira isolada**

Vívian Antonino da Silva  
viviantonino@yahoo.com.br  
Manuele Bandeira de Menezes  
manuele.bandeira@hotmail.com  
*Universidade Federal da Bahia*

No português do Brasil, há uma variação no uso das formas *nós* e *a gente*, que representam a primeira pessoa do discurso no plural. Ainda que de uso extremamente difundido na fala popular, e até na norma culta, o *a gente* ainda é classificado, segundo a gramática normativa, de uma forma pouco clara, sendo tratado, em algumas gramáticas, como pronome indefinido, em outras, como pronome de tratamento ou ainda, como uma representação de uma ideia de sujeito indefinido. Nota-se, na fala popular brasileira, uma variação significativa com relação à concordância da primeira pessoa do plural, seja com o uso de *nós* ou de *a gente*. A atual pesquisa pretende uma análise empírica do uso de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, analisando também a aplicação da regra de concordância verbal junto à primeira pessoa do plural. Para a elaboração do estudo, utilizou-se a fala vernácula de 12 informantes da comunidade afro-brasileira isolada, Cinzento, localizado no município de Planalto, no semi-árido baiano. Baseado nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista Laboviana, as análises foram organizadas de acordo com as seguintes variáveis: sexo; comunidade; escolaridade; estada fora da comunidade; faixa etária; forma do pronome; flexão verbal; realização e posição do pronome sujeito; nível de referencialidade; tipo de oração; paralelismo discursivo; saliência fônica; tipo de texto e discurso. Com esse estudo, busca-se comprovar a hipótese de que a realidade linguística bipolarizada do Brasil propiciou a formação e a manutenção de uma variedade de língua modificada pelo contato, o português popular brasileiro, através de uma *transmissão linguística irregular*; desta forma, a configuração de uso dos pronomes de primeira pessoa do plural e a variação da concordância verbal com tais pronomes na fala popular teria uma justificativa que se encontra na formação da língua popular do Brasil, que se deu em uma situação de intenso contato entre línguas.

## A participação das línguas africanas na formação das línguas crioulas: o caso de kel como marcação da dêixis nominal

Wânia Miranda (FAPESP)  
waniamiranda@usp.br  
Márcia Santos Duarte de Oliveira  
marcia.oliveira@usp.br  
Universidade de São Paulo

Neste trabalho, defendemos a função dêítica da partícula **kel**, apontada por muitos estudiosos como artigo. A utilização desta partícula em Caboverdiano (doravante Ccv) não é obrigatória em todos os contextos e requer a presença do referente (cf. Miranda, Oliveira & Quadros Gomes, a sair), tal como ocorre com partículas de línguas do oeste africano como anaang (Niger Congo/ Cross Rive) por exemplo:

(1) **Abel amakood unem ade.**<sup>1</sup>

<b>Abel</b>	<b>a-</b>	<b>ma-</b>	<b>kood</b>	<b>unem</b>	<b>ade</b>
Abel	3PSG.SA	PAST	chamar	galinha	Deit

“Abel chamou a /aquela galinha”

(2) **àmì nkeene moto ade**

<b>àmì</b>	<b>n-</b>	<b>keene</b>	<b>moto</b>	<b>ade</b>
1PSG.NOM	1PSG AS	seguir	carro	Deit

“Eu sigo o/aquele carro”

Em anaang, a partícula **ade** é opcional e acompanha diretamente o DP (cf. exemplos (1) e (2)), tal como **kel** em Caboverdiano (cf. dado (3)), além de possuir a propriedade de marcação dêítica.

(3) **kel bentu putenti**

Deit	vento	potente
------	-------	---------

“o/aquele vento potente”

Holm (1989) aponta para o frequente uso de dêixis nos estágios iniciais de pidginização, em que termos como ‘*that*’ e ‘*there*’ podem cobrir noções abstratas de definitude, e ainda que línguas crioulas não utilizam artigo no sintagma nominal singular para fazer referências a categorias gerais.

Este trabalho é pautado na comparação de **kel** com partículas de línguas do oeste africano, como anaang e ibíbio, por exemplo, pelo fato de apresentarem características e contextos de ocorrência muito similares e por defendermos a participação de línguas do oeste africano na formação gramatical de línguas crioulas.

A correlação destas partículas pode nos levar a mais uma evidência da participação das línguas do oeste africano na constituição não só do Caboverdiano, mas de outras línguas crioulas, e ainda corroborar a hipótese de não existência de artigo definido em Ccv.

<sup>1</sup> Dados retirados de Benjamin Santos, 2006.

## A língua bantu angolana lwimbi [k12a] e a busca etimológica dos bantuísmos brasileiros

Zavoni Ntongo  
zavonifloriano@yahoo.com.br  
*Universidade Agostinho Neto*  
Oziel Marques da Silva  
ozielmsilva@yahoo.com.br  
Antônio Elias Nascimento  
ikgrando@hotmail.com  
*Universidade Federal de Rondônia*

Grimes (2000) fala que os lwimbi são uma população estimada em 43.900, estando localizados na área central de Angola, no rio Cuanza, na província do Bié, relacionando-se com o Nkangala e Mbwela, fazendo parte do subgrupo ngangela. Maniacky (1997) apresenta o lwimbi como próximo do lucazi (e particularmente do lucazi-ntunda). O lwimbi está geograficamente separado ao sul pelos cokwe. É uma língua que se caracteriza notadamente por traços da língua umbundu. Não é certo que o mabandi seja uma língua distinta do lwimbi, por esse motivo o lwimbi e suas variantes é chamado de mbandi, ou mbande, pelo menos na parte sul da província do Bié. O segundo co-autor (Silva) em sua tese doutoral (em preparação), a ser orientada por Kukanda, observou que a língua lwimbi, talvez por ter sido considerada uma variante ngangela, nunca foi descrita, sendo objetivo da tese contribuir com o registro d minoritária. Assim este trabalho pretende, através de um léxico de aproximadamente 1.000 palavras, levantar os cognatos dos bantuísmos brasileiros.

- Grimes, Barbara F., Ed. (1996). *Ethnologue*. Dallas: Summer Institute of Linguistics
- Magalhães, António Miranda (1922). *Manual das Línguas Indígenas de Angola*. Loanda.
- Maniacky, Jacky (1997). *Contribution à l'Etude des Langues bantoues de la Zone K: Analyse comparative et Sous-groupements*. Paris, França: INALCO.
- Maniacky Jacky (2003). *Tonologie du ngangela, variété du Menongue (Angola)*. Tese de doutorado. Paris: INALCO. 399 p.
- Maniacky, Jacky (2005). "Some notes on Lwimbi (Bantu K12a, Angola)", *35th Colloquium on African Languages and Linguistics*. Leiden 3.
- Scott, Cecil W. (1955). "A note on the Luimbi of Central Angola", *Africa*. Edinburgh University Press.
- Silva, Oziel Marques da (em preparação). *Fonologia, Gramática e Dicionário da Língua Lwimbi (K12a)*. Tese doutoral. Luanda, Angola: Universidade Agostinho Neto.
- Zavoni, Ntongo (2006). *Morfologia e Sintaxe do Ngangela*. Coleção Universitária: Série Linguística. Luanda: Editorial Nzila. 225p.

## Resumos

## Pôsteres

### **As funções sintáticas de *nós* e *a gente* no português afro-brasileiro**

Manuele Bandeira de Menezes  
manuele.bandeira@hotmail.com  
*Universidade Federal da Bahia*

A presente pesquisa desenvolvida no Projeto Vertentes tem como objeto de análise a referência à primeira pessoa do plural, considerando o aspecto sintático. Através desse estudo, busca-se definir particularmente o papel desempenhado pelo contato da língua portuguesa com as línguas indígenas e africanas na formação das variedades atuais do português do interior do Estado. Baseado nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista Laboviana, estabeleceu-se como variável dependente a forma do pronome de primeira pessoa do plural nas diversas funções sintáticas cujas variantes são *nós*, *a gente* e correlatos (*Nossa vida tem que sê perdida/ alguma pessoas de Planalto que num é conhecido da gente, né?*). Para a elaboração do estudo, observaram-se vinte e oito inquéritos pertencentes ao *Corpus do Português Afro-Brasileiro*, composto por amostras de fala espontânea, com a duração de quarenta minutos a uma hora, coletadas nas comunidades de Helvécia, Cinzento, Rio de Contas e Sapé, comunidades rurais mantidas isoladas geograficamente e marcadas etnicamente pela presença maciça de descendentes de escravos africanos. As análises foram organizadas de acordo com as seguintes variáveis: sexo; comunidade; escolaridade; estada fora da comunidade; faixa etária; função sintática; nível de referencialidade; paralelismo discursivo; tipo de texto e discurso. O resultado da pesquisa demonstrou que a forma *a gente*, com 66%, já atingiu mais da metade da frequência nas comunidades afro-brasileiras, em prejuízo do pronome *nós*. Quanto à função sintática, o objeto direto é o maior favorecedor do *a gente* (.56) e o possessivo, o mais refratário (.23). O predomínio da variante inovadora é bastante similar ao que ocorre na norma urbana, contudo, devido à análise das funções sintáticas, percebe-se que a implementação do *a gente* tem acontecido de maneira diferente nas comunidades afro-brasileiras, reforçando a influência do contato entre línguas nessas variedades do português brasileiro.

## O efeito do contato entre línguas nas estratégias de relativização

Renata da Silva Macambyra Ferreira  
renata\_maca@hotmail.com  
Universidade Federal da Bahia

O efeito do contato entre línguas nas estratégias de relativização esteve geralmente relacionado à resumptivização (cf. Tarallo, 1993). Entretanto, alguns estudos detectaram uma baixa produtividade da estratégia, mesmo em comunidades de fala afetadas pela Transmissão Linguística Irregular – TLI (LUCCHESI, 2003). Essa pesquisa visa a entender esse efeito partindo de duas hipóteses: i) Haveria nessas variedades do PB, segundo Ribeiro (2009), uma predominância de relativas formadas a partir de complementizadores, em detrimento dos pronomes relativos; ii) Seguindo a Hierarquia de Acessibilidade (Keenan&Comrie, 1977), tais variedades teriam menos relativas encaixadas, se comparadas às variedades mais afastadas desse contexto. Este trabalho insere-se no âmbito da Sociolinguística Variacionista. O *corpus* compõe-se de oito entrevistas informais com membros de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas no interior da Bahia e oito entrevistas do NURC, considerando-se as faixas I (25-35 anos) e II (acima de 60 anos). Foram coletadas 539 ocorrências de relativas com antecedente no NURC e 420 no Português Afro-Brasileiro, em seguida codificadas e submetidas ao VARBRUL. Os resultados confirmam a hipótese de Ribeiro, sendo as relativas com antecedente predominantemente introduzidas pelo complementizador *que* no Português Afro-Brasileiro. Os dados mostram também que no Português Afro-Brasileiro a frequência de relativas encaixadas é menor do que no NURC.

## Expressão do sujeito da segunda pessoa do singular no português angolano

Rogério Rocha Borges  
rogeruefs@hotmail.com  
Universidade Estadual De Feira De Santana

Sabe-se que o português brasileiro sofreu influências de várias outras línguas, principalmente das línguas africanas para cá trazidas pelos milhões de escravos, que ajudaram a construir este país com a força de seu trabalho, tanto no campo quanto nas cidades, durante mais de três séculos. Dentre essas línguas, destacam-se o quicongo, o quinbundo e o umbundo, línguas do grupo banto, faladas respectivamente pelos povos baongo, ambundo e ovibundo, pela sua antiguidade e continuidade durante todo o período do tráfico negreiro. Partindo desta constatação, buscamos comprovar a influência dessas línguas no português popular brasileiro, num corpus do português falado em Luanda, com o objetivo de comparar a variedade brasileira com a angolana, tomando a cidade de Luanda como espelho de realidade linguística do Brasil no período de sua formação.

A partir de um *corpus* recentemente constituído da professora orientadora Eliana Pitombo Teixeira, estamos abordando a questão do preenchimento do sujeito, especificamente da segunda pessoa do singular, já que é consenso entre os linguístas brasileiros de que as mudanças sofridas pelo português brasileiro têm a sua causa profunda no enfraquecimento da concordância, provocada pela inserção do pronome você no sistema ocorrendo assim a necessidade de preencher o sujeito para identificá-lo. É exatamente essa tese que estamos buscando comprovar: terá sido mesmo a inserção do pronome você a causa das mudanças no português brasileiro? Se as línguas africanas acima mencionadas contribuíram na formação do português brasileiro, o português africano também está se tornando uma língua de sujeito expresso?

### Bibliografia:

- DUARTE, M. Eugênia L. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In Roberts, I; Kato, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 107-128.
- KATO, Mary. A. (1994). *Português Brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança linguística*. Conferência proferida no Congresso Internacional sobre o Português. Lisboa.
- LABOV, William. (2008). *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- PESSOA de CASTRO, Yeda. (2005). *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbook.

Palavras-chave: Português brasileiro. Português angolano. Línguas em contato. Parâmetro pro-drop.

## **A variação na realização do sujeito pronominal nas comunidades afro-brasileiras de Helvécia e Sapé - Bahia**

Shirley Freitas Souza  
shirleyfreitas@gmail.com  
Universidade Federal da Bahia

O *parâmetro do sujeito nulo* tem suscitado estudos nas mais diversas línguas, a exemplo do Português Brasileiro (PB). Apesar da farta literatura existente, não se sabe ao certo em qual das tipologias de línguas de sujeito nulo o PB se enquadra. Além disso, ainda não se definiu claramente quais os mecanismos utilizados por essa língua na recuperação do sujeito nulo (quando ele ocorre). A presente pesquisa focalizou a variação na realização do sujeito pronominal em duas comunidades afro-brasileiras isoladas do interior do Estado da Bahia: Helvécia, no extremo sul, e Sapé, no Recôncavo Baiano. Seguindo os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, este estudo empírico foi realizado no âmbito do *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*, o qual defende que o contato entre línguas trouxe importantes marcas para a realidade linguística brasileira. Assim, esta análise buscou verificar a importância do processo de *transmissão linguística irregular* para a constituição da variedade popular da língua e identificar os condicionamentos linguísticos e sociais de licenciamento do sujeito nulo. O *corpus* foi formado por vinte e quatro entrevistas, divididas equitativamente entre as comunidades e em função das seguintes variáveis sociais: sexo, faixa etária, estada fora da comunidade e escolaridade. Após as etapas de levantamento e codificação, os dados foram submetidos ao pacote de programas das regras variáveis VARBRUL, que forneceu o seu processamento quantitativo e cálculo estatístico. Das 2397 ocorrências, o sujeito nulo apareceu em 46% e o realizado respondeu por 54% do total. As porcentagens coincidiram com as encontradas para o português popular de Santo Antônio de Jesus – BA. Isso sugere que a drástica erosão da morfologia verbal sofrida pelas comunidades em estudo não levou à perda total do sujeito nulo. No que concerne à localidade, Helvécia apresentou mais sujeitos plenos do que Sapé, o que confirmou suas características mais crioulizantes.